

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PPGCA

MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

ELAINE PUZISKI VARELA

**SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO
E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA**

CRICIÚMA, SC

2021

ELAINE PUZISKI VARELA

**SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO
E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanilde Citadini-Zanette.

CRICIÚMA, SC

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V471s Varela, Elaine Puziski.

Semeando saberes : a etnobotânica e o quintal como resultado e valorização do conhecimento da mulher agricultora / Elaine Puziski Varela. - 2021.

98 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2021.
Orientação: Vanilde Citadini-Zanette.

1. Etnobotânica. 2. Relação homem-planta. 3. Plantas - Identificação. 4. Aprendizagem experimental. 5. Conhecimento tradicional associado. 6. Trabalhadoras rurais. I. Título.

CDD 23. ed. 581.63

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Pró-Reitoria Acadêmica
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se forma remota conforme RESOLUÇÃO N. 02/2020/PPGCA que estabelece procedimento para a Defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais por meio de videoconferência, para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata **ELAINE PUZISKI VARELA**, sob o título: “**SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguida a candidata, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma/SC, 23 de agosto de 2021.

Prof. Dr. Lin Chau Ming
Primeiro Examinador

Profa. Dra. Viviane Kraieski de Assunção
Segundo Examinador

Profa. Dra. Vanilde Citadini Zanette
Presidente da Comissão e Orientadora

*De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu*

*Se queres partir, ir embora
Me olha da onde estiver
Que eu vou te mostrar que eu tô pronta
Me colha madura do pé...*

*...Ó, meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar à rainha
Precisando dormir*

*Quando ela chegar
Tu me faças um favor
Dê um manto a ela
Que ela me benze aonde eu for*

*O fardo pesado que levas
Desagua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho, cheirando alecrim!
Maria Gadú*

*Dedico à minha mãe, Maria de Lourdes
(in memoriam).
Mulher, mãe, agricultora, que me ensinou na
prática a respeitar, cuidar e amar as plantas e
tudo que elas têm a nos oferecer.*

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão à Sra. Libertina, interlocutora principal desta pesquisa, por ter aberto as portas de sua casa para nos acolher, pelas experiências compartilhadas e por todo conhecimento dividido.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por todas as oportunidades a mim ofertadas.

A minha família, por estar sempre do meu lado, acreditar em mim e apoiarem minhas escolhas. Em especial, minha mãe Maria de Lourdes (*in memoriam*) que me ensinou o valor de cultivar a terra e as plantas, obrigada por deixar em mim uma marca de amor. A meu pai Orli, por sempre apoiar meus estudos e por todas as sextas-feiras- santas, em que me levava para colher marcela nos campos e por tudo que me ensinava sobre as espécies no caminho. A meu marido, Marco Antônio, por toda paciência, apoio e compreensão durante esse período.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Vanilde Citadini Zanette, por ter aceito me orientar, por todas as experiências compartilhadas e ensinamentos ao longo deste período. Pela paciência, orientações, por me passar a calma e tranquilidade necessárias nos momentos difíceis e por ser um exemplo de pesquisadora e ser humano.

A todos os colegas do Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI) da UNESC, especialmente Suelane, Amanda, Bruna e Micael, que me auxiliaram nas atividades de campo e laboratório. Um agradecimento carinhoso à Aline, pelas longas conversas sobre nossas pesquisas e vidas, e, pelo apoio no momento em que escolhi o tema deste trabalho. Ao Altamir, Peterson e Renato, pelo auxílio na identificação de espécies.

Aos meus amigos do PPGCA, em especial Lucas, meu parceiro e confidente durante todo o mestrado, a Carol e Gilberto pelos encontros online para trocar ideias e experiências sobre nossas pesquisas e ao Augusto pelo auxílio na confecção do mapa. A todos os integrantes do VIP muito obrigada pelos momentos de descontração, riso frouxo e histórias compartilhadas.

Aos amigos da Ecocicle, que me apoiaram durante este trajeto, e que me cobriram no meu trabalho, para que eu pudesse participar das aulas e realizar os campos, muito obrigada pelo incentivo e amizade de vocês.

Ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias de Educação Superior (PROSUC/CAPES), órgão público que me concedeu a bolsa, possibilitando assim, que eu pudesse realizar o Mestrado.

A Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI), pela estrutura disponibilizada, bem como ao Grupo de Pesquisa Florística e Ecologia de Florestas.

A todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho pudesse ser concluído, deixo meus sinceros agradecimentos. Gratidão!

RESUMO

Estudos etnobotânicos envolvem conhecer as diferentes relações entre seres humanos e plantas. Comunidades tradicionais, como os agricultores familiares, possuem forte ligação com o meio natural que os rodeiam. Ao longo do tempo, essas comunidades desenvolveram técnicas de manejo e cultivo de diferentes espécies, principalmente das cultivadas em seus quintais. As mulheres agricultoras são, na maioria dos casos, as responsáveis pela manutenção dos quintais e das espécies ali presentes, o que resulta em um valioso conhecimento adquirido nas vivências do dia a dia, ao longo dos anos. Este trabalho teve como objetivo investigar os saberes de uma agricultora tradicional sobre as espécies vegetais presentes em seu quintal, no Bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina. Para conhecer a história da agricultora e sua ligação com as plantas, foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde utilizou-se o método História Oral-modalidade História de Vida. Para a coleta de dados sobre as espécies cultivadas pela agricultora, foi utilizada entrevista semiestruturada, bem como o método de turnê guiada, com registro fotográfico. Foram registradas 142 espécies cultivadas pela agricultora, utilizadas para fins medicinais, alimentícios e ornamentais. A grande maioria das espécies medicinais são usadas na forma de chá, preparado pela agricultora a partir das folhas da planta. Foram diversas as etnoindicações praticadas pela agricultora para as espécies medicinais, dentre elas: aumentar a imunidade, calmante, gripe, diabete, picada de inseto, pulmão, dores no corpo e estômago, diurético, prevenção do câncer, vermes, sintomas da menopausa, dor e infecção nos rins e bexiga, antibiótico, sarampo, repelente, cicatrizar feridas, lavar os olhos, prisão de ventre, cólicas, entre outros. As espécies utilizadas na alimentação apresentaram diferentes formas de uso, *in natura*, como fruta ou salada, cozida, frita ou como tempero. As partes mais consumidas destas espécies foram os frutos, folhas, raízes e tubérculos. As espécies ornamentais, para a agricultora, possuem o papel principal de embelezar o seu quintal. O estudo revelou um rico conhecimento tradicional sobre a forma de uso de espécies vegetais, adquirido pela agricultora por meio de seus ancestrais e praticados ao longo de sua vida.

Palavras-chave: Etnoconhecimento, história de vida, comunidade tradicional, plantas, etnoindicações.

ABSTRACT

Ethnobotanical studies involve knowing the different relationships between humans and plants. Traditional communities, such as family farmers, have a strong connection with the natural environment around them. Over time, these communities have developed techniques for handling and cultivating different species, especially those grown in their backyards. Women farmers are, in most cases, responsible for maintaining the backyards and the species present there, which results in a rich knowledge acquired in their daily experiences over the years. This work aimed to investigate the knowledge of a traditional farmer about the plants present in her backyard, in district Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina. To learn about the history of the farmer and her connection with plants, a qualitative research was carried out, using the Oral History method - Life History modality. To collect data on the species cultivated by the farmer, a semi-structured interview was used, as well as the guided tour method, with photographic records. The study revealed a total of 142 species cultivated by the farmer, used for medicinal, food and ornamental purposes. The vast majority of medicinal species are used in the form of tea, prepared by the farmer from the leaves of the plant. There were several ethnoindications practiced by the farmer for medicinal species, including: increase immunity, tranquilizer, flu, diabetes, insect bite, lung, body and stomach pain, diuretic, cancer prevention, worms, menopause symptoms, pain and kidney and bladder infection, antibiotics, measles, repellent, wound healing, eye washing, constipation, colic, among others. The species used in food had different forms of use, in natura, as a fruit or salad, cooked, fried, or as a seasoning and condiment. The most consumed parts of these species were fruits, leaves, roots and tubers. Ornamental species, for the farmer, have the main role of beautifying your backyard. The study revealed a rich traditional knowledge on how to use plant species, acquired by the farmer through her ancestors and practiced throughout her life.

Keywords: Ethnoknowledge, life history, traditional community, plants, ethnoindications.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da área de estudo, Bairro Morro Albino, Criciúma, sul de Santa Catarina, com indicação da residência onde o quintal foi estudado.....	16
Figura 2 – Fotos dos folders de divulgação da Festa da Rota da Imigração, que aconteceu entre os anos 2001 e 2008 na capela São Sebastião, no Bairro Morro Albino.....	20
Figura 3 – Foto de uma das primeiras festas em homenagem a São Sebastião, realizada na capela do Bairro Morro Albino em 1947.....	21
Figura 4 – Foto atual da capela São Sebastião no Bairro Morro Albino.....	22
Figura 5 – Foto da primeira professora (Lili Cardoso) a lecionar na comunidade do Morro Albino com seus alunos.....	22
Figura 6- A agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot (Dona Libertina), em seu quintal, ao lado de um exemplar de pitaya (<i>Hylocereus undatus</i> (Haw.) Britton & Rose).....	24
Figura 7- Árvore Genealógica da família de Dona Libertina, painel com o qual ela e o marido Waldir foram presenteados pelos filhos, no seu aniversário de 60 anos de casados em fevereiro de 2020.	25
Figura 8 - Residência de Dona Libertina e do marido Waldir, localizada no Bairro Morro Albino, onde moram há 60 anos.....	25
Figura 9- Fotos do quintal de Dona Libertina, visto de diferentes ângulos.	26
Figura 10 - Dona Libertina admirando as plantas que cultiva em seu quintal.	56
Figura 11- Dona Libertina secando milho que havia colhido em seu quintal, cultivado através da técnica ensinada por seu pai.	57
Figura 12- Dona Libertina mostrando e explicando sobre as mudas que havia plantado nos vasinhos.....	59
Figura 13- Dona Libertina colhendo mudas de “marcela-galega” para distribuir para equipe de pesquisa que foi visitá-la em julho/2021.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos Específicos.....	15
2 METODOLOGIA.....	16
2.1 ÁREA DE ESTUDO	16
2.2 PROCEDIMENTO DE CAMPO	17
2.3 CONSULTA À LITERATURA.....	19
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
3.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS DA COMUNIDADE DE MORRO ALBINO	20
3.2 HISTÓRIA E VIVÊNCIAS DE DONA LIBERTINA	23
3.3 PLANTAS CULTIVADAS POR DONA LIBERTINA	28
3.3.1 Plantas Medicinais.....	29
3.3.2 Plantas Alimentícias	40
3.3.3 Plantas Ornamentais	50
3.4 SEMEANDO SABERES: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES COMPARTILHADAS POR DONA LIBERTINA.....	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	74
APÊNDICES	80

1 INTRODUÇÃO

As Etnociências fazem parte dos estudos que buscam compreender, através de técnicas, teorias, métodos e análises, as diversas formas de interação entre os seres humanos e o meio ambiente (SILVA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2010). No entendimento de Martín (2001), o prefixo etno é uma forma abreviada de expressar a maneira como cada um vê o mundo e, sempre que esse prefixo aparecer junto a uma disciplina acadêmica, significa que os pesquisadores estão em busca da percepção de uma determinada comunidade sobre um aspecto do conhecimento científico e/ou cultural.

Dentro das Etnociências existem diferentes ramos de estudo, um deles é a Etnobotânica, ciência que estuda a conexão das diferentes formas de relação entre o ser humano e as plantas, embasando-se no conhecimento adquirido ao longo dos tempos, por meio da relação direta da população com os recursos naturais (ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015). Estudos etnobotânicos demonstram alta capacidade em gerar maior reconhecimento entre os atores das comunidades locais, proporcionando aumento em sua autoestima, além de contribuir na erradicação do êxodo rural e no engrandecimento da visibilidade da comunidade local (ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015).

A Etnobotânica se baseia em conhecimentos de ecologia, antropologia, farmacologia, história, dentre tantos outros, a fim de buscar melhor qualidade de vida, bem como de resgatar valores culturais, essenciais na manutenção da biodiversidade, que são transmitidos geração após geração (MILWARD-DE-AZEVEDO, 2017). Todas as características físicas, químicas e genéticas que envolvem os vegetais, o ambiente social e o ambiente físico, bem como a história da comunidade, moldam este conhecimento local/cultural/tradicional, que é adquirido e transmitido de forma transgeracional (CARNIELLO *et al.*, 2010).

O conhecimento tradicional, portanto, é desenvolvido a partir dos saberes baseados nas experimentações e vivências dos diferentes povos, os quais são repassados de geração a geração, principalmente por meio da oralidade (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012). De acordo com Cunha (1999) este conhecimento também pode ser considerado como Saber Local, referindo-se a um produto histórico que se modifica e se reconstrói ao longo do tempo, de acordo com as experiências e conhecimentos de cada geração. A apropriação deste conhecimento tradicional sobre a natureza é resultado das experiências e trocas de informações entre diferentes culturas e povos que ao longo do tempo foram se complementando (COSTA-NETO, 2000). A importância destes conhecimentos, está relacionada com a produção de

informações básicas para futuras estratégias de conservação e de elementos a respeito da realidade cotidiana, que auxiliem na solução das dificuldades enfrentadas no dia a dia (PEREIRA; ALMEIDA, 2011; IDOHOU *et al.*, 2014).

Os povos indígenas e outras comunidades tradicionais, são considerados grandes detentores de conhecimento sobre o ambiente que os cercam, pois eles aprimoram e transmitem seus conhecimentos sobre as questões culturais, ambientais e sociais para seus descendentes. O saber intrínseco adquirido por esses grupos, favorece e mantém o conhecimento de seu território e cultura, sendo fundamental reconhecer tamanha importância da transmissão desse saber às novas gerações (ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015).

Dentre as comunidades tradicionais, estão incluídos os agricultores tradicionais, que de acordo com a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, são descritos como “pessoas naturais que utilizam variedades tradicionais locais ou crioulas ou raças localmente adaptadas ou crioulas e mantém e conservam a diversidade genética, incluídos os agricultores familiares” (BRASIL, 2015).

Em algumas destas comunidades, observa-se que as mulheres ainda ocupam grande parcela dos espaços domésticos, sendo as principais responsáveis pelo cuidado com os quintais (MAIA; SOBRINHO, 2019). De acordo com o autor, isso faz com que elas potencializem seus conhecimentos sobre técnicas de plantio e cultivo, além de outras atividades relacionadas à manutenção do quintal. Segundo Cavalheiro; Guarim-Neto (2018), essas mulheres se destacam no que diz respeito à manutenção, transmissão dos saberes e práticas associados às espécies vegetais.

As mulheres também desempenham importante papel na manutenção do conhecimento sobre utilização de espécies medicinais cultivadas em seus quintais. Monteles; Pinheiro (2007) realizaram estudo em uma comunidade quilombola e constataram que, cerca de 79% dos indivíduos que cultivavam espécies de plantas medicinais nos arredores das moradias eram mulheres, que se destacavam também na preparação de remédios caseiros a partir dessas espécies. Um outro estudo realizado por Zeni *et al.* (2017) menciona que mulheres, geralmente idosas, utilizam plantas medicinais com mais frequência que os homens e pessoas jovens. A autora também enfatiza, que a divulgação deste conhecimento é uma forma de resgatar a cultura tradicional do uso de plantas como remédio caseiro para tratamento de doenças e alívio de seus sintomas.

Neste contexto, é perceptível a importância do trabalho feminino desempenhado nos quintais de suas residências, para manutenção do conhecimento adquirido ao longo do tempo, bem como da cultura local. Ressalta-se aqui a relevância da função que os quintais

representam, pois não há como falar sobre cultivo e utilização de plantas ao redor das residências e não os levar em consideração. Os quintais representam sistemas tradicionais de uso da terra que unem várias espécies de plantas e ficam localizados próximos às moradias humanas (CULTRERA; AMOROZO; FERREIRA, 2012). Segundo Lins Neto *et al.* (2014) essa característica resulta da domesticação (do latim *domus* = casa) de plantas, que decorreu como forma de controle da natureza, direcionando-a para necessidades específicas, adaptadas para serem associadas à casa, bem como de dar forma à casa (domesticação da paisagem e dos ecossistemas).

Nestes quintais, a colheita é realizada em épocas distintas do ano (MAROYI, 2013), bem como, o uso múltiplo das plantas ali presentes (PEREIRA; FIGUEIREDO NETO, 2015; ALEMU, 2016; MWAVU *et al.*, 2016), auxiliando no variado fornecimento de produtos ao longo do ano, podendo, desta forma, contribuir no sustento da família (GALLUZZI; EYZAGUIRRE; NEGRI, 2010). A grande agrobiodiversidade presente nos quintais, contribui não apenas para função produtiva, alimentos para consumo doméstico e venda do excedente (GALLUZZI; EYZAGUIRRE; NEGRI, 2010; FRISON; CHERFAS; HODGKIN, 2011), mas também, para funções sociais, contribuindo para o bem-estar das pessoas (ALEMU, 2016). Desta maneira, os quintais não devem ser considerados apenas sistemas agrícolas, pois compreendem uma intrínseca relação com o conhecimento ecológico local, resultando em um riquíssimo conjunto de saberes (CALVET-MIR *et al.*, 2016).

Diante do exposto pode-se perceber que, investigar as relações de comunidades humanas com as plantas do seu meio exige que se considerem seus quintais, como o espaço mais próximo em que essas populações manejam, plantam, desenvolvem atividades de lazer, religiosas, simbólicas e de trabalho cotidiano.

Levando em consideração a relação que se desenvolve ao longo dos anos entre os seres humanos e as plantas, especialmente quanto ao cultivo nos quintais realizados pelas mulheres agricultoras, o presente estudo pretendeu valorizar o trabalho desenvolvido por essas mulheres, na manutenção do conhecimento tradicional e na conservação ambiental. Buscou-se fortalecer o conhecimento cultural da comunidade rural do Bairro Morro Albino, por meio dos saberes e experiências da agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot, moradora de longa data na comunidade, considerada pelos vizinhos uma especialista em cultivo e utilização de plantas. Visou também, incentivar a conservação de diversas espécies vegetais utilizadas no quintal da agricultora, principalmente de espécies nativas, demonstrando o seu potencial de uso medicinal, alimentício e ornamental.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar os saberes de uma agricultora tradicional sobre as plantas presentes em seu quintal, Bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Conhecer a história de vida de uma agricultora tradicional residente no Bairro Morro Albino, município de Criciúma, Santa Catarina;
- ✓ Registrar e identificar as espécies vegetais cultivadas no quintal dessa agricultora;
- ✓ Verificar quais os usos atribuídos às espécies de plantas cultivadas no quintal da agricultora;
- ✓ Compreender, por meio das reflexões da agricultora, a importância de cultivar espécies vegetais e o etnoconhecimento envolvido sobre a utilização e cultivo das espécies registradas;
- ✓ Compartilhar com a agricultora e comunidade do Bairro Morro Albino os resultados obtidos na pesquisa, como retribuição pelo conhecimento repassado pela agricultora.

2 METODOLOGIA

2.1 ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado em uma propriedade localizada na comunidade do Morro Albino, conforme demonstra a figura 1. O Bairro fica situado na zona rural do município de Criciúma, sul de Santa Catarina, que integra a Área de Proteção Ambiental (APA) do Morro Albino e Morro Esteves criada pela Lei ordinária municipal nº 2.459, de 08 de junho de 1990, com alterações trazidas pela Lei nº 3.179/95 (UNESC; PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2019).

Figura 1 – Localização da área de estudo, Bairro Morro Albino, Criciúma, sul de Santa Catarina, com indicação da residência onde o quintal foi estudado.



Fonte: Augusto César Dandolini Citadin (2021).

Segundo o sistema de Köppen o clima no município de Criciúma é caracterizado como mesotérmico úmido sem estação seca definida e com verão quente (Cfa) (ALVARES *et al.*, 2013). A pluviosidade média anual é de 1.500 mm (BACK, 2009).

A vegetação na região onde a propriedade deste estudo está inserida, é formada por fragmentos florestais, pertencentes ao bioma Mata Atlântica, sendo a Floresta Ombrófila Densa, formação submontana, os quais apresentam-se em vários estágios sucessionais e com diferentes

dimensões, recobrando parcialmente as pequenas propriedades agrícolas do bairro. Atualmente renda das famílias agricultoras da região é composta principalmente pelo cultivo permanente de banana, além da pecuária e outras culturas temporárias como milho, mandioca e feijão (SILVA; SCHEIBE, 2005). Porém, a renda dos primeiros moradores da comunidade provinha do cultivo da cana de açúcar, com o qual produziam cachaça e açúcar. Os agricultores muitas vezes trocavam esses produtos pelas mercadorias trazidas pelos tropeiros que desciam da Serra Geral e passavam pelo Morro Albino. Ainda hoje, alguns engenhos estão em funcionamento (Everaldo Pavei, comunicação pessoal).

Para busca de informações e características socioculturais da comunidade do Morro Albino, fez-se contato com diferentes moradores locais e através de suas indicações chegou-se ao Sr. Everaldo Pavei, que detinha conhecimentos detalhados sobre a comunidade.

2.2 PROCEDIMENTO DE CAMPO

A pesquisa é de natureza qualitativa, onde “o ambiente é fonte direta de dados e o pesquisador é o instrumento mais confiável de observação” (AMOROZO; VIERTLER, 2010, p. 75). No primeiro momento da pesquisa, iriam ser entrevistadas diferentes agricultoras moradoras da APA do Morro Albino. Para isso, foi-se buscar o aceite da comunidade perante o trabalho de pesquisa, sendo que o primeiro contato com as agricultoras ocorreu através do Clube de Mães do Morro Albino, quando reunidas em seus encontros semanais. Em uma das reuniões, foi explicado às participantes como seria a pesquisa, seus objetivos e seu desenvolvimento. Nesta reunião, foi então selecionada a primeira participante, indicada pela presidente do Clube de Mães como membro influente na comunidade e que detinha grande conhecimento sobre plantas, além de possuir um rico e precioso quintal em espécies vegetais.

A primeira entrevista, ocorreu em dezembro de 2019 e, a visita à unidade doméstica desta agricultora, revelou uma riqueza inestimável de saberes tradicionais e de espécies vegetais. A relação afetuosa que a mesma demonstrou ter com as plantas e seu conhecimento sobre os seus usos, chamou-nos a atenção. Ao continuar as entrevistas com as demais agricultoras, verificou-se que todas as entrevistadas citavam o nome da Sra. Libertina (primeira agricultora entrevistada) em algum momento, pois a mesma distribui mudas de diferentes espécies vegetais para toda a comunidade, bem como pratica a etnoindicação para cada uma delas.

Partindo destas informações e também devido a pandemia pela COVID-19, que nos impossibilitou de continuar as entrevistas, delimitou-se então, o novo tema de pesquisa, que

tratou de conhecer a história de vida desta agricultora, Sra. Libertina, bem como, sua relação e seus conhecimentos sobre as plantas cultivadas em sua unidade doméstica.

Para obtenção dos dados sobre as experiências de vida da agricultora, foi utilizado o método de História Oral, que se divide em três modalidades: história de vida, história temática e tradição oral (MEIHY; HOLANDA, 2007). A modalidade escolhida para este estudo foi história de vida, que pode ser delimitada como um relato sobre a existência no qual os acontecimentos vivenciados são reconstituídos e as experiências adquiridas são transmitidas (QUEIRÓZ, 1988). Segundo este autor, a história de vida traz um conjunto de depoimentos e, ainda que tenha sido o pesquisador a formular o tema, é o narrador que determina o que narrar.

Para a coleta de dados, sobre as espécies cultivadas pela agricultora, foi utilizada entrevista semiestruturada na qual as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir a campo. Esse método apresenta grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010). Para tal, se utilizou um formulário elaborado com 46 perguntas pertinentes ao tema (APÊNDICE E). O formulário utilizado atuou como um guia, que foi consultado para se certificar que nenhuma pergunta crucial para pesquisa fosse esquecida.

Segundo Araújo (1998), quanto menos estruturada for a coleta de dados, mais rica será a informação obtida por meio das entrevistas, quando comparadas àquelas obtidas de questionários de múltipla escolha. Para a entrevista, também se utilizou um gravador de voz, pois as perguntas foram feitas de forma livre, como uma conversa, para que a entrevistada ficasse à vontade para falar sobre seus conhecimentos e histórias. O uso do gravador de voz favorece para que a conversa flua livremente e sem interrupções (CAMPOS; SILVA; ALBUQUERQUE, 2021). Após cada entrevista, as conversas foram transcritas e, para os relatos utilizados neste estudo, foram corrigidos os vícios de linguagem, mantendo a integridade de fala da entrevistada.

Paralelamente à entrevista foi utilizado o método de Turnê Guiada, com registro fotográfico, que consiste em fundamentar e validar os nomes das espécies vegetais citadas pela entrevistada por seu nome vernacular, pois estes nomes variam entre regiões e, até mesmo, entre indivíduos da mesma comunidade (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010; CITADINI-ZANETTE; MARTINS, 2011). Deste modo, as espécies vegetais cultivadas no quintal da agricultora foram coletadas e encaminhadas para identificação no Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI) da UNESC. As espécies foram reunidas em famílias botânicas, de acordo com o sistema de classificação *Angiosperm Phylogeny Group* (APG IV, 2016) para as angiospermas e *Pteridophyte Phylogeny Group* (PPG I, 2016) para as samambaias.

A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em humanos da UNESCO, com certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) nº 21180719.5.0000.0119. Antes de iniciar a entrevista, a participante foi previamente consultada em relação ao interesse em participar da pesquisa, requerendo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A). A entrevistada demonstrou interesse e aceitou que seu nome e sua imagem fossem mencionados e divulgados ao longo do estudo (ANEXO B, C). Como forma de devolutiva e visando retribuir e fortalecer o conhecimento repassado pela agricultora para realização desta pesquisa, os resultados obtidos serão compartilhados com a comunidade, conforme sugerido por Albuquerque, Lucena, Lins Neto (2010), na forma de roda de conversa.

2.3 CONSULTA À LITERATURA

Para as plantas amostradas, foram realizadas buscas nos *sites* em base de dados que contemplavam a temática abordada. Para cada espécie amostrada, foi utilizado como palavra de busca o binômio científico (incluindo sinônimos), nas bases de dados *Scopus*, *SciELO*, *Science Direct*, *Flora do Brasil 2020*, *Species link*, *Tropicos do Missouri Botanical Garden* e - *World Flora Online* (WFO, 2021).

Adicionalmente, foram acrescentadas informações descritas na literatura científica não indexada às bases de dados citadas acima, que abordavam sobre os usos das espécies. Para dados sobre a origem das espécies amostradas (se nativas do Brasil ou exóticas, sendo estas naturalizadas ou cultivadas) e suas ocorrências nas regiões fitogeográficas do Brasil, norteou-se principalmente pela *Flora do Brasil* (2020). Para a origem das espécies exóticas, foram consultados os *sites World Flora Online* (WFO, 2021) e *Tropicos do Missouri Botanical Garden* (2021). Quando não encontrados, buscou-se a origem pelo nome da espécie em artigos científicos e quando não encontradas as regiões fitogeográficas no Brasil onde a espécie ocorria marcou-se somente sua presença na região sul do Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS DA COMUNIDADE DE MORRO ALBINO

As informações socioculturais da comunidade de Morro Albino foram repassadas pelo Sr. Everaldo Pavei, morador de longa data na Comunidade (54 anos) e responsável por muitos dos eventos culturais que ocorrem no Bairro Morro Albino. Através do método de História Oral ele nos relatou que, entre os anos de 2000 e 2008, foram realizados oito eventos festivos na comunidade, muito conhecidos pelos moradores, denominado Festa da Rota da Imigração (Figura 2). O nome da festa era uma homenagem aos tropeiros que em épocas passadas desciam da Serra Geral em direção ao município de Araranguá, levando sal, banha e roupas, entre outros, que passavam pela rua em frente à igreja católica do Morro Albino, onde a festa era realizada no mês de julho. Faziam parte do evento a missa celebrada em italiano, na capela de São Sebastião (capela do Morro Albino), queima de fogueira, café colonial que contava com os produtos dos agricultores locais, shows e atrações musicais (Everaldo Pavei, comunicação pessoal). Atualmente segundo o interlocutor, a festa não acontece mais por falta de incentivo financeiro.

Figura 2 – Fotos dos folders de divulgação da Festa da Rota da Imigração, que aconteceu entre os anos 2001 e 2008 na capela São Sebastião, no Bairro Morro Albino.



Fonte: Acervo pessoal de Everaldo Pavei (2021).

Hoje a tradição anual na comunidade é a festa da Paróquia que acontece todo mês de abril. Antigamente esta mesma festa ocorria duas vezes ao ano, em janeiro homenageando São Sebastião e em outubro em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Na figura 3 pode-se observar um dos eventos festivos que ocorreram na capela. Atualmente os dois padroeiros são homenageados na mesma data no mês de abril. Porém, há 2 anos a festa não é realizada devido a pandemia pela COVID-19 (Everaldo Pavei, comunicação pessoal).

Figura 3 – Foto de uma das primeiras festas em homenagem a São Sebastião, realizada na capela do Bairro Morro Albino em 1947.



Fonte: Acervo pessoal de Everaldo Pavei (2021).

A capela São Sebastião do Morro Albino, foi construída em 1.919 com o auxílio de doações feitas pelos próprios agricultores da comunidade. A foto atual da capela São Sebastião está contemplada na Figura 4. Na capela também ocorreram as primeiras aulas, que eram ministradas pelos moradores da comunidade que sabiam ler e escrever. A primeira professora com formação a lecionar na comunidade de Morro Albino foi a Professora Lili Cardoso (Figura 5), até hoje lembrada pelos moradores mais antigos (Everaldo Pavei, comunicação pessoal).

Figura 4 – Foto atual da capela São Sebastião no Bairro Morro Albino.



Fonte: Autora (2021).

Figura 5 – Foto da primeira professora (Lili Cardoso) a lecionar na comunidade do Morro Albino com seus alunos.



Fonte: Acervo pessoal de Everaldo Pavei (2021).

3.2 HISTÓRIA E VIVÊNCIAS DE DONA LIBERTINA

Foram realizadas quatro entrevistas com a agricultora. A primeira ocorreu no dia 13 de dezembro de 2019 e as demais nos dias 02 de fevereiro, 16 de março e 21 de julho de 2021. Nestas idas, a agricultora abriu as portas de sua residência e mostrou todas as espécies que cultivava em seu quintal, composto atualmente por dois hectares de terra.

Na primeira entrevista, conhecemos a agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot (Figura 6), com seus oitenta e três anos e com data de nascimento em 03 de outubro de 1937. A agricultora nasceu no município de Forquilha, onde morou com os pais até seu casamento. Os avós de Dona Libertina vieram da Itália e tiveram todos os filhos no Brasil. Seus pais, Paulo Zanzi e Josefina Mandelli, eram agricultores e viviam do que cultivavam. Tiveram 6 filhos (5 mulheres e 1 homem), sendo Dona Libertina, assim conhecida por todos, a filha mais velha.

A agricultora se casou aos 21 anos com o Sr. Waldir Mariot. É mãe de dez filhos, tem 24 netos e 16 bisnetos, conforme demonstrado na figura 7. Ela mencionou que quando se casou, o padrinho de seu esposo o presenteou com 12 hectares de terra no Bairro Morro Albino. É neste local, que mora e cultiva seu quintal há sessenta anos (Figuras 8 e 9). Atualmente a agricultora e o marido moram sozinhos e cuidam de apenas 2 hectares de terra pois, segundo ela, devido à idade avançada, optaram por dividir os outros 10 hectares entre os filhos. Ela e o marido não fazem mais plantio de roças grandes para venda, o que cultivam é somente para consumo da família. Em sua residência, Dona Libertina é a principal responsável pelo quintal e afazeres domésticos e atualmente, além do cuidado com as plantas, ela também se dedica à criação de 12 vacas leiteiras, das quais ela utiliza o leite para produção de queijos.

Quando se casou, Dona Libertina contou que cultivava muitas abóboras, morangas e aipim para comerem junto com o café da tarde enquanto trabalhavam na roça. Segundo ela, enquanto ficava responsável pelo cultivo das espécies do quintal para consumo da família, seu marido cuidava da plantação de cana, destinada à venda. Sobre esse período ela recorda:

“Uma vez eu colhi cento e poucas morangas e abóboras dentro do meu quintal. Naquele tempo a gente colhia abóbora e moranga durava quase um ano [...] para nosso café da tarde eu fervia, um dia era moranga, no outro dia aipim, fervia ali ao meio dia as 14:00 horas já estava pronta, e nós levávamos para roça, para tomar café da tarde. Era ou moranga ou aipim, com melado. Nós fazíamos melado também. Daí nós colocávamos bastante melado, fervíamos e botávamos nos vidros. Não tinha geladeira naquele tempo, mas guardávamos onde era bem fresquinho, aguentava bastante”.

Dona Libertina, é católica e ministra da eucaristia há 25 anos na Paróquia de seu Bairro, antigamente intitulada de Sagrado Coração de Jesus e atualmente de Santo Antônio. Participou também como membro da Pastoral da Criança por 10 anos nesta mesma paróquia. Estudou até a terceira série, na escola localizada em Santa Rosa, município de Forquilha (SC). Sobre os tempos de escola ela relembra:

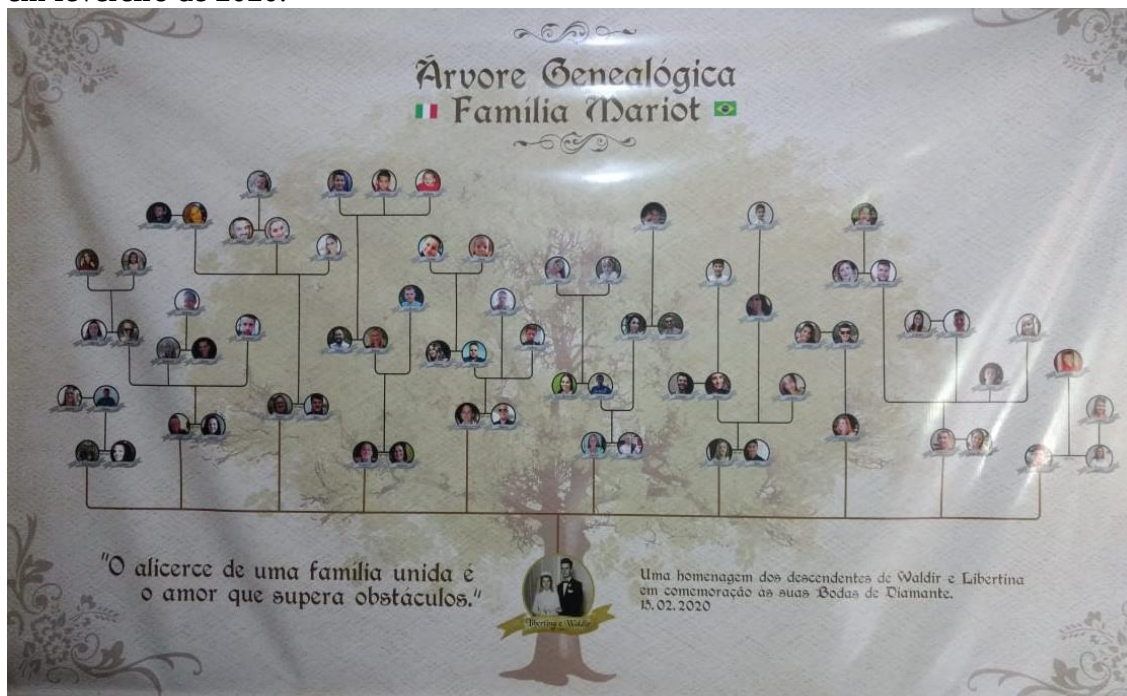
“No inverno nós íamos descalço, de pé no chão, o chão era tão frio que parece que espetava os pés. Naquele tempo não tínhamos casaco nada, não tínhamos condições de comprar. Uma vez meu pai comprou uma blusinha para minha mãe, para quando ela ia as 4 da manhã para a roça né, mas era só o que tinha. E olha não ficávamos doentes”.

Figura 6- A agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot (Dona Libertina), em seu quintal, ao lado de um exemplar de pitaya (*Hylocereus undatus* (Haw.) Britton & Rose).



Fonte: Autora (2021).

Figura 7- Árvore Genealógica da família de Dona Libertina, painel com o qual ela e o marido Waldir foram presenteados pelos filhos, no seu aniversário de 60 anos de casados em fevereiro de 2020.



Fonte: Autora (2021).

Figura 8 - Residência de Dona Libertina e do marido Waldir, localizada no Bairro Morro Albino, onde moram há 60 anos.



Fonte: Autora (2021).

Figura 9- Fotos do quintal de Dona Libertina, visto de diferentes ângulos.



Fonte: Autora (2021).

A agricultora contou que os pais não tinham condições de comprar roupas para os seis filhos, então ela costurava as roupas dela e dos irmãos. Daí, surgiu à vontade em seu pai que Dona Libertina fosse costureira, pois achava que ela tinha talento para costura. O pai e a mãe trabalharam a vida inteira na roça, vivenciando todas as dificuldades enfrentadas por quem escolhia cuidar da terra, então, desejavam dar uma vida diferente para sua filha. Todavia, nesta altura, Dona Libertina já estava acostumada e apaixonada pela vida no campo. Até os dias de hoje, ela acredita que quem vai embora do interior, deixando a vida da roça, para morar mais próximo ou dentro do centro da Cidade, acaba se arrependendo.

“[...] quando eu era nova, meu pai quis me dar um lote, construir uma casa e me dar uma máquina de costura. Eu disse não, não pai, eu agradeço, mas eu quero é mexer com terra. Eu gosto de plantar, gosto de trabalhar assim né. Eu gosto de ficar mexendo na terra”.

Ela nos contou que sempre teve afinidade com o cultivo de plantas. Vendo os pais agricultores por toda a vida, nasceu a paixão pelo plantar. Desde pequena, ajudava os pais com os afazeres na roça, onde aprendeu muitas técnicas que utiliza até hoje no cultivo de seu quintal.

“[...] ah eu desde criança, desde pequena que eu mexia com terra... olha as plantas para mim, eu gosto muito mesmo! O meu pai, quando era dia de sábado, nós ficávamos em casa, eu dizia: pai me dá aquele pedacinho de capoeira lá? Eu vou lá

roçar, fazer uma rocinha para mim. Lá ia eu, lá dentro da capoeira sozinha. Eu ia lá roçava, depois botava fogo, carpia, arrancava os cepinhos e aí eu plantava”.

A agricultora também relata que não gosta de utilizar nenhum tipo de agrotóxico pois, segundo ela, desta forma pode consumir com tranquilidade todas as plantas do seu quintal de forma *in natura*. Ela mencionou algumas vezes, sobre o ataque de diferentes espécies de animais na sua horta, porém, para ela isso é normal. Ela não utiliza nenhum tipo de inseticida pois, de acordo com Dona Libertina, estes animais também precisam comer e fazem parte da natureza, sendo necessários para o meio ambiente.

“[...] daí eu tinha apenas um pé, estava com medo das lagartas, porque no outro ano foram tantas, mas tantas! Daí então eu disse: vocês não mexam, não vão ali! Porque eu mato todas vocês (risos). Mas eu não mato não, porque eu fico com dó, porque elas também precisam comer né? Mas elas, depois disso, não foram mais nas folhas. Elas estavam todas voando (borboletas), mas não botaram ovos nas folhas”.

Dona Libertina nos contou também, sobre como aprendeu sobre as plantas que cultiva hoje. Segundo ela, aprendeu com sua mãe, com vizinhos e, principalmente, nos anos em que fez parte da Pastoral da Criança. Ela mencionou que na Pastoral haviam reuniões sobre muitas plantas medicinais e suas formas de uso, o que a fez aprender muito. Atualmente não faz mais parte da Pastoral, porém, participa do Clube de Mães do seu bairro, onde elas adquiriram o hábito de realizar troca de mudas de diferentes plantas. Sempre que alguma participante acha interessante socializar sobre a utilização de uma espécie, ela leva mudas desta, para uma reunião do Clube de Mães, onde então, ensina como cultivar e utilizar a planta. Dona Libertina conta já ter perdido as contas de quantas espécies trocou nestas reuniões.

“[...] no tempo que nós fazíamos reunião também, cada uma que tinha erva diferente trazia e o que eu tinha também eu levei [...] é nós trocávamos bastante muda. Mas era uma maravilha! [...] no clube de mães aqui do Morro também, a gente troca bastante muda, eu gosto de levar as mudas de ervas medicinais para elas, nós trocamos tudo, tudo. Mas agora, não está acontecendo mais, por causa dessa doença, nem sei se esse ano volta, porque no nosso clube tem muitas idosas, daí parou tudo”.

A agricultora lamenta a falta das reuniões entre as moradoras do bairro, devido a COVID-19. Quando indagada sobre esse período de isolamento e sobre como se sentia, ela respondeu não ter medo da doença, mas disse que os filhos estavam muito preocupados. Ela, além de ser idosa, também possui problemas de saúde, como bronquite. Segundo Dona Libertina, ficou quase um ano sem sair de casa, mas como tem muitos afazeres no quintal, falou que não se sentiu tão isolada, pois a companhia das plantas lhe ajudou a passar os dias. Os filhos traziam do mercado apenas o essencial, já que o restante como frutas, verduras, saladas,

legumes e alguns grãos ela colhia de seu quintal. Além disso, Dona Libertina acredita que as plantas apresentam um importante papel preventivo perante todas as doenças, podendo auxiliar também na prevenção contra a COVID-19.

“[...] eu ouvi que tem que ficar com a imunidade alta, então tem que comer por exemplo aquela ora-pro-nobis, verduras, essas coisas que ajudam na imunidade, pra gente não enfraquecer né...eu acho que as plantas ajudam sim, porque a gente fica forte e a doença se bater, bate fraquinha né [...] as plantas são o principal da saúde da gente [...] faça da tua comida o remédio e do remédio, a tua comida”.

3.3 PLANTAS CULTIVADAS POR DONA LIBERTINA

Nos levantamentos botânicos realizados durante as quatro visitas à unidade doméstica de Dona Libertina, no Morro Albino, foram registradas 142 espécies (APÊNDICE A). Em relação ao uso das plantas registradas, 50 espécies são utilizadas como medicinais, sendo 3 destas utilizadas também como ornamentais e outras 7 como alimentícias. Além destas, foram levantadas 60 espécies utilizadas apenas para alimentação e 32 somente como ornamentais.

Como visto, a maioria das plantas registradas no quintal de Dona Libertina são cultivadas com a finalidade alimentícia, seguido do uso medicinal. Outros estudos, realizados em quintais de agricultores familiares tradicionais, também reconhecem essas duas funções como principais (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; MOREIRA; GUARIM NETO, 2009). As principais funções citadas (etnocategorias), constituem a demanda das necessidades básicas de cada família (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005) que, no caso de Dona Libertina, foram a alimentação e o cuidado primário à saúde através das ervas medicinais. Ressalta-se que, na seleção de espécies cultivadas nos quintais, percebe-se a influência cultural de cada morador, uma vez que optam por cultivar as espécies que consideram mais valiosas e essa decisão, bem como a forma de manutenção dessas espécies, é baseada no conhecimento tradicional de cada agricultor (AMARAL; GUARIM NETO, 2008).

Em relação à origem das espécies, 34 (24%) delas são nativas do Brasil, enquanto 108 (76%) são exóticas (naturalizadas ou cultivadas no Brasil). A predominância de espécies exóticas pode estar relacionada com a colonização do local. Sabe-se que os diferentes povos colonizadores trazem consigo sementes e mudas de plantas e um grande conhecimento sobre elas. Além disso, o fato de Dona Libertina ter contato com muitas pessoas de diferentes localidades que trocam entre si informações sobre novas plantas, pode auxiliar no aumento do número de espécies introduzidas. De acordo com Zeni e Bosio (2015), possivelmente a flora

brasileira ainda é pouco conhecida, pois as plantas mais utilizadas são espécies cultivadas e que tem sua colheita facilitada por se encontrarem nos quintais, o que torna sua aplicabilidade maior.

Para o levantamento botânico no quintal de Dona Libertina, o almejado eram visitas mensais à agricultora, a fim de conseguir registrar a sazonalidade das espécies cultivadas em seu quintal. Entretanto, devido a pandemia pela COVID-19, essas visitas mensais não foram possíveis. Dona Libertina fazia parte do grupo de risco por ser idosa e também por problemas de saúde. As visitas à agricultora demandaram de precauções especiais. Além dos cuidados de biossegurança, respeitaram-se todos os decretos de isolamento. Desta forma, não se pode registrar a sazonalidade das espécies, o que pode ter interferido quanto ao número de espécies cultivadas pela agricultora em seu quintal.

3.3.1 Plantas Medicinais

As plantas produzem substâncias químicas, que podem atuar benéficamente ou de forma tóxica sobre outros organismos. Desta forma, para que os seres humanos possam utilizar uma planta medicinal de forma segura, são necessários estudos químicos, farmacológicos e toxicológicos, porém, estes aspectos nem sempre são totalmente avaliados, especialmente para plantas nativas do Brasil (RITTER *et al.*, 2002). Os autores consideram que outros critérios poderiam ser levados em consideração para utilização destas espécies como medicinais, um deles é o uso tradicional amplo por décadas, ou centenas de anos, de uma espécie, bem como, a coincidência de usos entre diferentes populações. Neste contexto, percebe-se a relevância de se conhecer diferentes espécies, bem como investigar todas as suas formas de uso e etnoindicações.

De acordo com Linhares *et al.* (2014), os ambientes naturais e também aqueles modificados pelo ser humano podem ser aproveitados para obtenção de plantas medicinais. Na grande maioria das zonas rurais brasileiras os quintais feitos nas proximidades da casa, exercem importante função na manutenção de muitas espécies medicinais. Desta forma, o quintal consiste no local onde se cultivam as espécies mais utilizadas pelos membros da família, compreendendo tanto as espécies nativas da região quanto exóticas (RODRIGUES *et al.*, 2020). No quintal de Dona Libertina são cultivadas grande diversidade de espécies medicinais, as quais ela utiliza com frequência e indica para muitos vizinhos e amigos, além de distribuir diversas mudas para quem vai até sua residência procurando por alguma planta medicinal específica

para determinada doença. Por utilizar muitas espécies medicinais no seu dia a dia Dona Libertina adquiriu e desenvolveu grande conhecimento sobre suas formas de uso e etnoindicações. No seu quintal ela realizou plantio de 50 espécies medicinais (Tabela 1), das quais ela conhece todas as etnoindicações e formas de uso. Das 50 espécies, 11 (22%) são nativas do Brasil e 39 (78%) são exóticas. Dentre elas, as famílias botânicas que mais se destacaram foram Lamiaceae (11espécies) e Asteraceae (10), resultado que ratifica outros estudos realizados no sul do Brasil (RITTER *et al.*, 2002; SILVA; BÜNDCHEN, 2011; HUMENHUK; LEITE; FRITSCH, 2020), em outras regiões do Brasil e do mundo (PASA *et al.*, 2019).

Tabela 1- Plantas medicinais registradas no quintal da Sra. Libertina Zanzi Mariot, no Bairro Morro Albino, apresentadas em famílias/espécies, onde SD = sem denominação; NP = nome popular; O= origem (N= nativa, E= exótica, sendo: E^C= Exótica Cultivada e E^N= Exótica Naturalizada; RO = Região de Origem; ROB = Região de Ocorrência no Brasil; USO= tipo de utilização ou preparo realizado com a planta; PU= parte utilizada e indicação apontada pela agricultora.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU	INDICAÇÃO
Adoxaceae							
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	E ^N	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha, flor	Sarampo
Amaranthaceae							
<i>Hebanthe erianthos</i> (Poir.) Pedersen	contraveneno	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Curtido na cachaça para se esfregar e tomar	Folha	Para picada de insetos
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	E ^C	Região Caribenha, América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Prevenir o câncer
Apiaceae							
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	E ^C	Bahamas	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Gripe
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho	E ^C	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Gripe
<i>Pimpinella anisum</i> L.	anis	E ^C	Eurásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Acalmar

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	mentruz	E ^N	América do Sul	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Gripe, catarro, pulmão, falta de ar.
Crassulaceae							
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym.-Hamet. & H	aranto	E	Madagascar	Sul	Suco	Folha	Cura do câncer
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	fortuna	E ^N	Madagascar	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Xarope	Folha	Gripe
Equisetaceae							
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Diurético, infecção nos rins
Ericaceae							
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	mirtilo	E ^C	Europa	Sul	Chá	Folha	Problemas cardíacos
Euphorbiaceae							
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	pau-pelado	E ^C	África	Sul	Pingar na água	Látex	Câncer
<i>Jatropha multifida</i> L.	mercúrio	E ^C	América do Norte	Norte, Nordeste, Sudeste e Sul	Uso externo	Látex	Cicatrizar ferida
Lamiaceae							
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	poejo	N	Brasil	Sul	Chá	Folha	Gripe
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	E ^C	Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Gripe
<i>Mentha arvensis</i> L.	vick-vaporube/menta-vick	E ^c	Europa	Nordeste, Sudeste e Sul	Pomada	Folha	Dor
<i>Mentha spicata</i> L.	elevante	E ^N	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Aumentar a imunidade, fortificar
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã-verdadeira	E ^C	Europa	Nordeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Para vermes
<i>Ocimum basilicum</i> L.	alfavaca	E ^C	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Tosse/gripe

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	E ^C	Europa	Sudeste e Sul	Chá	Folha	
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	boldo	E	África	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Esmagar na água	Folha	Estômago
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	alegria-de-jardim	N	Brasil	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Flor	Diabete
<i>Stachys byzantina</i> K. Koch	pulmonária	E ^C	Turquia, Sudoeste da Ásia e Cáucaso	Sul	Chá	Folha	Problemas pulmonares
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	mirra	E	África	Sudeste e Sul	Chá	Folha	Sintomas da menopausa
Malvaceae							
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva	E ^C	Eurásia	Sudeste e Sul	Chá	Folha	Dor na garganta
Melastomataceae							
<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	cataflan	N	Brasil	Nordeste, Centro-oeste e Sudeste	Chá	Folha	Antibiótico
Myrtaceae							
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jambolão	E ^N	Índia e Sudeste da Ásia	Norte, Nordeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Dor no corpo
Papaveraceae							
<i>Chelidonium majus</i> L.	iodo	E ^N	Europa e Ásia	Sul	Pingar na água, passar no machucado	Látex	Dor nas amígdalas, curar feridas
Phyllanthaceae							
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Dor nos rins
Plantaginaceae							
<i>Plantago major</i> L.	tansagem	E ^N	Europa e Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Infecção e dores na bexiga, antibiótico

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU	INDICAÇÃO
Poaceae							
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	cana-cidreira	E ^N	Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Calmante
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	citronela	E ^N	Ceilão	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Curtida no álcool, fabricação de sabão	Folha	Repelente, aromatizador
Rosaceae							
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	E ^C	Ásia	Nordeste, Sudeste e Sul	Chá	Flor	Lavar os olhos, prisão de ventre
Rutaceae							
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	E ^C	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Cólica
Verbenaceae							
<i>Aloysia citrodora</i> Palau	cidrão	E	América do Sul	Sudeste e Sul	Chá	Folha	Gripe
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	sálvia	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fervido no leite	Folha	Tosse
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Estômago
Violaceae							
<i>Viola odorata</i> L.	violeta-roxa	E ^C	Europa	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá	Folha	Antibiótico
Zingiberaceae							
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	E ^C	Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Chá, colocar na água	Rizoma	Bronquite, diurético

Fonte: Autora (2021).

Referente às famílias botânicas com maior destaque na etnocategoria medicinal, Lamiaceae possui espécies com produção de óleos essenciais, que são empregados para diferentes fins, como aromático, condimentar ou medicinal (HARLEY *et al.*, 2004). As espécies desta família

acumulam expressiva variedade de substâncias como esteroides, iridóides, flavonoides e terpenóides. Estas substâncias apresentam diferentes atividades antifúngica, antioxidante, antitumoral, antibacteriana, anti-inflamatória, anti-hipoglicêmica, entre outras (LEMES; FERRI; LOPES, 2011). Assim como Lamiaceae, Asteraceae também se apresenta como uma das mais ricas famílias de espécies vegetais com potencial medicinal (DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002). Segundo os autores, muitas espécies de Asteraceae têm sido utilizadas popularmente como medicamento, aumentando o interesse terapêutico sobre essas espécies, resultando em amplos estudos sobre suas características químicas e farmacológicas.

As espécies medicinais cultivadas por Dona Libertina são utilizadas por ela predominantemente na forma de chá. Contudo, explica que pode também serem preparadas em forma de xarope, pomada, curtida na cachaça, esmagada na água, como suco ou passada diretamente na pele. Assim como observado neste trabalho, outros estudos também apontam o chá como principal forma de preparo de fitoterápicos em comunidades rurais (BORGES; BAUTISTA, 2018; SANTOS *et al.*, 2019). Este predomínio na forma de preparo, pode estar relacionado à facilidade de preparo e à tradição passada por gerações.

Nas soluções preparadas por Dona Libertina, a parte da planta mais utilizada são as folhas, podendo ser usado também flores, látex e rizoma, de acordo com a espécie utilizada. Segundo Medeiros (2013) o predomínio do uso de folhas nas preparações medicinais é comum nos Biomas Mata Atlântica e Cerrado, certamente pela maior disponibilidade e facilidade de coleta. Analisando este fato, por meio de uma perspectiva conservacionista, utilizar folhas é vantajoso, já que sua extração não acarreta, necessariamente na morte da planta utilizada (PRADO *et al.*, 2019), quando manejada de forma correta. Ao usufruir de uma espécie sem levá-la à morte, além do benefício pela utilização da planta por suas propriedades terapêuticas, também estar-se-á contribuindo para a conservação da espécie. Ademais, este tipo de utilização, causa menores impactos às populações de espécies coletadas, sendo elas cultivadas em quintais ou ocorrendo naturalmente na natureza.

A utilização terapêutica de plantas pode ser considerada, como umas das práticas mais antigas no cuidado da saúde humana (SANTOS; LIMA; FERREIRA, 2008). As etnoindicações das espécies medicinais praticadas por Dona Libertina foram bem diversas, dentre elas: aumentar a imunidade, calmante, gripe, diabete, picada de inseto, pulmão, dores no corpo e estômago, diurético, prevenção do câncer, vermes, sintomas da menopausa, dor e infecção nos rins e bexiga, antibiótico, sarampo, repelente, cicatrizar feridas, lavar os olhos, prisão de ventre, cólicas, entre outros.

Uma espécie cultivada e muito utilizada pela agricultora é *Zingiber officinale*, conhecida popularmente como gengibre e pertencente à família Zingiberaceae. Dona Libertina utiliza a planta tanto na alimentação para temperar, quanto na forma de chá, para tratamento de bronquite. Segundo ela, a bronquite lhe causava muita falta de ar, o que a levou para o hospital duas vezes durante a pandemia em 2020. Desta forma, ela decidiu iniciar o tratamento com gengibre e afirma ter se curado da falta de ar que a bronquite lhe acometia. Ela explica como prepara o chá de *Z. officinale*:

“Eu ferve um pedacinho de gengibre! pico bem fininho, aí coloco com açúcar grosso em uma meia caneca d’água, deixo ferver bastante. Então eu tiro e, quando ele está um pouco mais frio, eu boto uma colher de mel, porque o mel não pode cozinhar. Mexo bem, tampo e vou tomando durante o dia. E tu sabes que eu melhorei da falta de ar! Eu estou bem melhor mesmo”.

Indo ao encontro dos saberes e experiência de Dona Libertina sobre o uso de *Zingiber officinale*, na fitoterapia tradicional a espécie é reconhecida popularmente por suas propriedades farmacológicas no tratamento de gripe, resfriado e problemas gastrointestinais (TATAGIBA; SOUSA; OLIVEIRA, 2019). Estudos biológicos realizados por diferentes autores, reafirmam o potencial fitoterápico de *Z. officinale* no tratamento de doenças do sistema respiratório e digestório (problemas gastrointestinais) e também suas ações anti-inflamatória, antimicrobiana, diurética e antioxidante (BORGES; MOREIRA, 2016; CARDOSO *et al.*, 2018; CUTRIM *et al.*, 2019; FERREIRA *et al.*, 2020). Ademais, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) conta com a espécie em sua lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado (BRASIL, 2014) e na segunda edição do Formulário Fitoterápico para a Farmacopeia Brasileira (ANVISA, 2021), onde a alegação de uso do rizoma da espécie é amenizar os sintomas de náuseas causadas por movimento (cinetose).

Dona Libertina comentou que possui alergia a alguns insetos, incluindo abelhas. Segundo ela, quando picada, a região da pele afetada costuma apresentar grande inchaço e coceira. Mas, para resolver esta irritação, ela possui uma espécie medicinal em seu quintal, que segundo ela “*faz todo o inchaço e a coceira sumirem*”. A espécie utilizada por ela para este fim, se trata de *Hebanthe erianthos*, cujo nome científico mais conhecido é o do seu sinônimo, *Pfaffia paniculata* Mart. A planta é conhecida por Dona Libertina como contraveneno, popularmente também leva o nome de ginseng-brasileiro, suma ou cipó-suma. Pertencente à família Amaranthaceae, é uma espécie nativa do Brasil, encontrada em todas as províncias biogeográficas, dentro do domínio brasileiro, ocorrendo também no Paraguai, Peru e Argentina (MARCHIORETTO; MIOTTO; SIQUEIRA, 2008).

Estudos realizados a partir do extrato alcoólico de *Hebanthe erianthos*, mostraram que a espécie possui efeito analgésico e anti-inflamatório (MATSUZAKI *et al.*, 2003; MATSUZAKI *et al.*, 2006; COSTA *et al.*, 2015), além de apresentar propriedades estimulantes e anticarcinogênicas (ARLETTI *et al.*, 1999; MATSUZAKI *et al.*, 2003; SILVA *et al.*, 2005). Um estudo realizado no Estado de São Paulo, indicou que *H. erianthos* é um dos mais importantes produtos medicinais extrativistas da região, o que acabou provocando a diminuição de ocorrência da espécie em seu ambiente natural (SILVA *et al.*, 2007).

Dona Libertina mostrou também, uma planta conhecida popularmente por ela como elevante, a qual considera “ *muito boa para aumentar a imunidade* ”. Segundo a agricultora, muitas pessoas que possuem a imunidade baixa já foram buscar a espécie para fazer chá. Atualmente, por causa da pandemia pela COVID-19, ela relata tomar uma xícara do chá de vez em quando, pois segundo ela, “*se não ajudar a aumentar a imunidade, mal não vai fazer, pois tomo pouco, não pode exagerar né*”. Esta espécie utilizada pela agricultora trata-se de *Mentha spicata* L.

Mentha spicata é uma espécie exótica, pertencente à família das Lamiaceae e ao gênero *Mentha*, cujas plantas estão entre as mais aromáticas e se distribuem em diversos ambientes do mundo (KIZIL *et al.*, 2010). Estudos comprovam que a espécie apresenta potencial para o tratamento de resfriados e gripes, problemas do trato respiratório, hemorroidas e problemas digestivos (ASEKUN; GRIERSON; AFOLAYAN, 2007; TETIK; CIVELEK; CAKILCIOGLU, 2013). Além disso, outro estudo também sugere que o principal componente do óleo de *M. spicata*, o mentol, pode servir como agente antiviral natural na proteção contra *Herpes simplex* (MELZER *et al.*, 2004).

Dona Libertina, como mencionado, utiliza a espécie para o aumento da imunidade. Possivelmente, essa utilização pode estar relacionada com o fato de a planta apresentar propriedades antivirais, sendo assim, quando utilizada auxilia em casos de doenças virais, como gripe e resfriado. Alguns estudos científicos demonstram que constituintes fenólicos, como ácido rosmarínico, luteolina e fitol, estão presentes nos extratos de *Mentha spicata*, eficazes por suas ações antimicrobianas e antivirais (MCKAY; BLUMBERG, 2006; ORHAN *et al.*, 2012). Na medicina tradicional o chá de *M. spicata* também é indicado para tratamento de gripe, resfriado, inflamação na garganta e cólicas intestinais (DANTAS; TORRES, 2019; RIBEIRO *et al.*, 2019). Também a maceração da planta é utilizada para tratar ferimentos, onde se colocam as folhas maceradas sobre a ferida (RIBEIRO *et al.*, 2019).

Na frase “[...] *tomo pouco, não pode exagerar*” citada por Dona Libertina, podemos constatar que a agricultora, tem consciência do uso racional das espécies medicinais que cultiva.

Um grande número de consumidores desconhece que as plantas medicinais podem exercer ação tóxica ao organismo humano, o que se deve principalmente à presença de vários compostos bioativos que são tóxicos. O uso milenar de plantas medicinais demonstrou que, ao longo dos anos, certas plantas possuem substâncias potencialmente perigosas e, do mesmo modo, do ponto de vista científico pesquisas revelaram que muitas espécies medicinais apresentam substâncias potencialmente agressivas, e que portanto, devem ser utilizadas de forma racional, respeitando seus riscos toxicológicos (SCHULZ; HÄNSEL; TYLER, 2002).

Uma outra espécie cultivada por Dona Libertina para fins medicinais, e que além disso, a agricultora revelou achar as flores da espécie “ *muito bonitas e com uma cor linda*” é *Pleroma heteromallum*, espécie nativa, que pertence à família Melastomataceae e conhecida pela agricultora como cataflan. Dona Libertina utiliza o chá das folhas de *P. heteromallum* como antibiótico. Essa espécie teve seu nome atualizado recentemente, por isso também é muito conhecida por suas sinônimas *Tibouchina grandifolia* Cogn., *Tibouchina multiflora* (Gardner) Cogn. e *Tibouchina heteromalla* (D. Don) Cogn. Um estudo realizado no município de Aracati no Ceará, nominou a espécie conhecida popularmente na região como orelha-de-onça, sendo suas raízes preparadas por decocção, para o tratamento de doenças do estômago, infecções e como abortiva (LIMA; FERNANDES, 2020).

Dona Libertina também mostrou uma espécie da qual faz uso há muito tempo, e que segundo ela “*já distribuiu muitas mudas, até mesmo nas reuniões da pastoral da criança, quando ainda era membro*”. A agricultora conhece popularmente a espécie como iodo e faz o uso de duas maneiras distintas: quando está com dor de garganta, pinga algumas gotas do látex da planta em um copo com água e toma, ou então, utiliza o látex diretamente em ferimentos, como cicatrizante.

A espécie em questão refere-se a *Chelidonium majus*, espécie exótica naturalizada no Brasil, pertencente à família Papaveraceae. Sobre o uso do látex de *C. majus*, um estudo mostrou que a espécie tem sido usada na medicina popular tradicional por séculos para tratar doenças de pele, como verrugas, condilomas e papilomas, que são resultados de infecções por Papilomavírus Humano (HPV) (ZIELINSKA *et al.*, 2018).

Mediante a pandemia pela COVID-19, Gardin; Braga (2021) realizaram um estudo entre os meses de abril, maio e junho de 2020, em consultórios particulares em São Paulo e Aracaju (Brasil), onde testaram o efeito de *Chelidonium majus*, na evolução clínica de 20 pacientes entre 14 e 71 anos, positivados para COVID-19. Os pacientes foram tratados com a tintura mãe 10% de *C. majus*, 20 a 30 gotas, três vezes ao dia durante 3 a 12 dias (mediana de 5 dias). De acordo com o estudo, a melhora clínica completa ou quase completa ocorreu dentro

de 1 a 9 dias de tratamento (mediana de 3 dias) e não houveram eventos adversos. Estudos como este são relevantes e de grande reconhecimento, pois podem impulsionar novas pesquisas com diferentes espécies vegetais, para o tratamento não apenas da COVID-19, mas de novas doenças que venham a surgir.

Como se pode perceber, Dona Libertina utiliza para algumas espécies de plantas, como iodo (*Chelidonium majus*), nomes populares medicalizados (plantas nomeadas com referência a medicamentos farmacêuticos) que, além do iodo, tem-se o cataflan (*Pleroma heteromallum*), vick-vaporube (*Mentha arvensis*) ou ainda, novalgina (*Achillea millefolium*). A denominação ocorre porque essas espécies vegetais são utilizadas para os mesmos fins que os medicamentos farmacêuticos, apresentando efeitos semelhantes no alívio de doenças.

Segundo Siqueira *et al.* (2017) em um de seus estudos, o sul do Brasil é considerado a região mais medicalizada. Esses resultados podem ser compreendidos por sua formação histórica principalmente sobre a mistura de saberes populares de brasileiros e imigrantes estrangeiros (italianos e açorianos) que se estabeleceram nesta região. Segundo os autores, as farmácias populares e os sistemas médicos dos colonos tinham características principalmente europeias e, dessa forma, as propriedades terapêuticas típicas das espécies cultivadas na região Sul, passaram a estar atreladas aos medicamentos sintéticos.

Acontecimentos como este, entre tantos outros, evidenciam como a relação entre os seres humanos e os vegetais se estende ao longo da história. A utilização de plantas nos cuidados primários à saúde, ainda hoje é um assunto proeminente. Atualmente nos países em desenvolvimento, grande parte da população idosa faz uso de plantas medicinais disponíveis no ambiente, por encontrarem diversas dificuldades de acesso aos medicamentos industrializados (MACÊDO *et al.*, 2016). Ademais, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em 2050 a população mundial chegará a 9,1 bilhões de habitantes, e destes, cerca de 80% irá depender das plantas medicinais para cuidados primários com a saúde (RAMAKRISHNAN *et al.*, 2017).

Neste contexto, é fundamental que diferentes estudos abordem sobre conhecimento tradicional e transgeracional, referente à utilização de plantas medicinais, construído nas vivências e rotinas diárias, como o de Dona Libertina relatado neste trabalho. Já é sabido, que a estes conhecimentos estão associados diferentes fatores como a tradição de cada comunidade e suas visões sobre o mundo, a localização geográfica e a biodiversidade dos ecossistemas (UNNIKRISHNAN; SUNEETHA, 2012), pois todos esses fatores contribuem para que as práticas tradicionais de saúde sejam únicas e diversas. Deste modo, estudos que investiguem sobre as diferentes formas de uso e etnoindicações terapêuticas, resultantes das diferentes

conotações socioculturais que envolvem o uso de plantas medicinais, possuem grande potencial. Todas essas ações podem auxiliar no uso racional de espécies medicinais, além de encurtar caminhos para a produção de futuros fitomedicamentos, que possam facilitar o acesso da população aos medicamentos que lhe são necessários.

3.3.2 Plantas Alimentícias

Dentre as 67 espécies alimentícias cultivadas por Dona Libertina, 13 (19%) são nativas do Brasil e 55 (81%) são exóticas, cultivadas ou naturalizadas em nosso país. Quanto a forma de vida das espécies, 20 são arbóreas, o que é possível devido ao tamanho do quintal da agricultora que compreende 2,0 hectares de terra. Fabaceae (6 espécies) e Solanaceae (5) foram as famílias botânicas que apresentaram maior número de espécies, enquanto as outras famílias se distribuíram entre quatro (4), três (3) ou menos espécies, como observado na tabela

2.Tabela 2- Plantas alimentícias registradas no quintal da Sra. Libertina Zanzi Mariot, no Bairro Morro Albino, apresentadas em famílias/espécies, onde NP = nome popular; O= origem (N= nativa, E= exótica, sendo: E^C= Exótica Cultivada e E^N= Exótica Naturalizada; RO= Região de Origem; ROB= Região de Ocorrência no Brasil; USO= tipo de utilização ou preparo realizado com a planta e PU= parte utilizada.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU
Amaranthaceae						
<i>Amaranthus viridis</i> L.	caruru	E ^N	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	E ^C	Costa do Mediterrâneo	Sudeste e Sul	Cozida	Raiz
<i>Spinacia oleracea</i> L.	espinafre	E ^C	Ásia	Nordeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
Amarylidaceae						
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	cebolinha	E ^C	América do Norte	Nordeste, Sudeste e Sul	Tempero	Folha
Anacardiaceae						
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	E ^C	Ásia tropical	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU
<i>Spondias purpurea</i> L.	ciriguela	E ^C	México	Norte, Nordeste e Sudeste	Fruta	Fruto
Annonaceae						
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	E ^C	Região Caribenha, América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
<i>Annona squamosa</i> L.	fruta-do-conde	E ^C	América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	E ^C	Eurásia	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada, cozida	Raiz
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	salsa	E ^C	Eurásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Tempero	Folha
Arecaceae						
<i>Butia catarinensis</i> Noblick & Lorenzi	butiá	N	Brasil	Sul	Fruta	Fruto
Asteraceae						
<i>Cichorium intybus</i> L.	radiche azedinha	E ^C	Europa	Nordeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface-mimosa	E ^C	Eurásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
<i>Lactuca sativa</i> L. var. <i>crispa</i>	alface-crespa	E	Eurásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H. Rob.	batata-yacon	E ^C	América do Sul	Sul	Cozida	Tubérculo
Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i> L.	colorau	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruto	Tempero, corante
Brassicaceae						
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>italica</i>	brócolis	E ^C	Europa	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Cozida	Flor, talo
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>viridis</i>	couve	E ^C	Europa	Nordeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>capitata</i>	repolho	E ^C	Europa	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Folha

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	PU
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	laranja-lima	E ^C	Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
<i>Citrus medica</i> L.	laranja-cidra	E ^C	Índia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta, suco, chimia	Casca, fruto
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-umbigo	E ^C	Norte da Birmânia, Sudeste da China e Indochina	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
Sapindaceae						
<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	lichia	E ^C	China	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
Solanaceae						
<i>Capsicum annum</i> L.	pimentão	E ^C	México e América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Tempero	Fruto
<i>Physalis pubescens</i> L.	fisális	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-pretinha	N	Brasil	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta, alimentar pássaros	Fruto
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	E ^C	América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Fruto
<i>Solanum lycopersicum</i> var. <i>cerasiforme</i> (Dunal) D.M. Spooner, G.J. Anderson & R.K. Jansen	tomate-cereja	E ^C	América do Sul	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Salada	Fruto
Vitaceae						
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	E ^C	Eurásia	Centro-oeste, Sudeste e Sul	Fruta	Fruto
Zingiberaceae						
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão-da-terra	E	Índia	Sul	Tempero	Rizoma
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	E ^C	Ásia	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Tempero	Rizoma

Fonte: Autora (2021).

Dentre as famílias botânicas de maior destaque, Fabaceae conta com aproximadamente 20.000 espécies pertencentes a 795 gêneros (FLORA DO BRASIL, 2020). Ela representa uma das maiores e mais importantes famílias botânicas, por possuir grande número de espécies vegetais utilizadas como fonte de produtos alimentícios, ornamentais, medicinais, madeireiros, entre outros (DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002). Algumas espécies de Fabaceae são hábeis na fixação de nitrogênio, o que reforça sua importância ambiental por beneficiar agricultores e ecossistemas naturais (LPWG, 2013).

Assim como Fabaceae, Solanaceae também é considerada uma das maiores famílias botânicas. No Brasil, está representada por 36 gêneros e 504 espécies, sendo que destas, 237 são endêmicas (FLORA DO BRASIL, 2020) apresentando grande diversidade química e morfológica (OLMSTEAD, 2013). É também, considerada uma das famílias mais expressivas economicamente, devido ao seu grande potencial alimentício, ornamental e medicinal. Culturas como berinjela (*Solanum melongena* L.), tomate (*Solanum lycopersicum* L.) e batata (*Solanum tuberosum* L.), fazem parte da família Solanaceae e representam grande importância na economia mundial (SAMUELS, 2015).

Embora estas duas famílias botânicas tenham apresentado maior número de representantes, no quintal de Dona Libertina há uma grande variedade de espécies cultivadas para fins alimentícios. De acordo Macedo e Ming (2019), um estudo sobre plantas alimentícias cultivadas por agricultores demonstrou que seus quintais são áreas intensamente utilizadas, principalmente pelas mulheres agricultoras. Segundo os autores, nesses quintais são colocadas em prática uma série de técnicas locais particulares da comunidade, o que resulta em intensivo manejo dessas áreas e espécies fazendo com que se tornem ricas em diversidade.

Das diversas espécies alimentícias cultivadas por Dona Libertina, a agricultora faz uso da maioria das plantas *in natura*, como fruta ou salada, podendo ser preparada também cozida, frita ou como tempero. As partes mais consumidas destas espécies são os frutos, folhas, raízes e tubérculos. Na alimentação da agricultora, encontramos espécies como o *Butia catarinensis* (butiá), *Garcinia gardneriana* (bacupari) e duas espécies do gênero *Inga*, *Inga sessilis*, conhecido pela agricultora como ingá-macaco e *I. vulpina* (ingá), sendo todas essas espécies nativas do Brasil.

O *Butia catarinensis* (butiá), além de consumido *in natura* como fruta, conforme citado pela agricultora, também é largamente empregado nos locais em que ocorre para fabricação de sucos, geleias, doces, licores e até mesmo sorvete (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011). No Estado de Santa Catarina, *B. catarinensis* teve grande parte de sua área de ocorrência substituída por rodovias, expansão urbana e silvicultura. Este fato foi observado pelos coletores

da região de Laguna, município onde comunidades locais realizam o manejo sustentável da espécie para auxiliar na sua subsistência (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011). Acontecimentos como este, de espécies tendo sua área de ocorrência diminuída, ou até mesmo extinta, mostram a importância de cultivá-las também nos quintais. Este cultivo, auxilia na conservação da espécie, além do conhecimento sobre seu uso que pode ser preservado e passado adiante.

Os frutos de *Garcinia gardneriana* (bacupari) são utilizados pela Dona Libertina *in natura*. Entretanto, estudos realizados com esta espécie comprovam os efeitos biológicos de compostos isolados e do extrato da folha da planta, como analgésico (CECHINEL FILHO *et al.*, 2000; VERDI *et al.*, 2004), anti-inflamatório (OTUKI *et al.*, 2011) e antibacteriano (MAIA *et al.*, 2018). Embora utilizado pela agricultora somente na alimentação, esta espécie pelas suas propriedades medicinais, poderia também vir a ser explorada por ela com a finalidade terapêutica.

Dona Libertina contou, que as espécies do gênero *Inga*, que possui no seu quintal, são uma das suas frutas preferidas. Quem trouxe as sementes para ela, foi um de seus filhos. Segundo a agricultora, as sementes vieram da Serra Catarinense, onde o filho trabalha no cultivo de batata-inglesa. Espécies de *Inga* são exclusivamente neotropicais, tendo o Brasil como um dos seus principais centros de diversidade (PENNINGTON, 1997) com maior número de endemismo no bioma Mata Atlântica (GARCIA, 1998). Possui potencial econômico para reflorestamento, fitoterapia, produção de alimentos e energia (FERNANDES *et al.*, 2016). Além disso, estudos químicos mostraram alta capacidade antioxidante, existente nas folhas de diferentes espécies do gênero *Inga*, possivelmente relacionada às substâncias fenólicas presentes (LIMA; SANTOS; PORTA, 2018). De acordo com estes autores, em algumas comunidades indígenas, espécies de *Inga* são utilizadas para tratamento de reumatismo e inflamações.

O Brasil possui enorme diversidade de plantas que são ricas em minerais e nutrientes. Um grande número dessas espécies dispõe de atributos que as classificam como alimentícias, porém muitas vezes por não conhecer suas qualidades, ou ainda, pela forma como essas espécies se desenvolvem, acabam sendo encaradas pejorativamente como “daninhas” ou “mato”, tendo sua relevância ecológica, alimentar e mesmo econômica desprezadas (KINUPP; LORENZI, 2014). Para estas espécies, Kinupp (2007) atribuiu o termo PANC (Plantas Alimentícias não Convencionais), sendo mais tarde amplamente discutidas por Kinupp e Lorenzi (2014), que as consideram de ótimo valor nutricional, fácil manejo e baixo custo.

Segundo Brack (2016, p. 05) as PANC fazem parte como elementos da agrobiodiversidade por serem rústicas e não necessitarem de cuidados especiais no seu cultivo e manejo. O autor enfatiza que:

“O conhecimento acumulado das comunidades humanas sobre essas espécies em cada região onde ocorrem promove o resgate da cultura alimentar e da medicina popular regional, além de novas receitas saborosas e saudáveis, o que anima os grupos de agricultores e produtores a reintegrar o ser humano à natureza”.

Dona Libertina utiliza algumas espécies que são classificadas como PANC. Embora entrem nesta classificação, para a agricultora tratam-se de espécies convencionais na sua alimentação, uma vez que fazem parte de suas refeições diárias. Dentre as espécies classificadas como PANC e consumidas por Dona Libertina encontra-se *Amaranthus viridis*, pertencente à família Amaranthaceae. Conhecida pela agricultora como caruru, utiliza as folhas da espécie para fazer salada. Um estudo realizado por Xavier *et al.* (2018) com *A. viridis* mostrou grande potencial para rendimento de grãos, além de que na maioria das análises realizadas, as propriedades nutricionais quando pulverizada para uso como farinha foram superiores às espécies comerciais, o que comprova a relevância de *A. viridis* para uso alimentar.

Espécies do gênero *Amaranthus* são relevantes em áreas agrícolas e consideradas espécies invasoras na maioria das culturas. Embora consideradas ervas daninhas, estudos comprovam a versatilidade nutricional e funcional dessas espécies (KINUPP; LORENZI, 2014). As espécies já cultivadas do gênero *Amaranthus* são utilizadas para produção de folhas e grãos, que são ricos em nutrientes e fornecem uma dieta completa de aminoácidos (SINGH, 2017). As espécies deste gênero são comumente classificadas como “pseudocereais” e apresentam quantidades significativas de minerais, nutrientes, vitaminas e aminoácidos, além de atividades antidiabética e antioxidante, contendo altos níveis de ferro, selênio, fósforo e baixos níveis de substâncias tóxicas (FERREIRA; MATIAS; ARÊAS, 2007).

Outra PANC citada pela agricultora foi *Pereskia aculeata*, espécie conhecida popularmente como ora-pro-nobis, pertencente à família Cactaceae e nativa do Brasil, podendo ser encontrada em regiões tropicais e subtropicais (SOUSA *et al.*, 2014).

Dona Libertina citou, que costuma usar algumas folhas de *Pereskia aculeata* na salada e também em ensopados. Segundo a agricultora, utiliza a espécie por “ser muito rica em proteína e vitaminas”. Nos dias atuais, ela vem utilizando com mais frequência, devido a pandemia da COVID-19, pois supõe que, devido as vitaminas presentes na planta, sua utilização auxilia no aumento da imunidade. Ao encontro do relato de Dona Libertina, estudos realizados

com *P. aculeata*, comprovam altas concentrações de nutrientes, fibra, potássio e cobre presentes na planta, bem como relatam que a espécie é excelente fonte de vitamina A, Cálcio, Magnésio, Ferro, Manganês e Selênio (MARTINEVSKI *et al.*, 2013; BARREIRA *et al.*, 2021), o que ratifica os conhecimentos tradicionais de Dona Libertina.

A agricultora já doou muitas mudas de ora-pro-nobis, relatando que várias pessoas procuram a espécie por acreditarem que ela auxilia na cura do câncer. Adicionalmente, vegetarianos que buscam uma fonte alternativa de proteínas, também já a procuraram em busca de mudas desta espécie. Embora muitas pessoas optem por cultivar em seus quintais, a ocorrência de espécies como *Pereskia aculeata* em ambientes naturais da Mata Atlântica, também se faz importante. O seu potencial de contribuição nutricional, a torna uma espécie alimentar fundamental para estratégias de segurança alimentar e nutricional das famílias e comunidades que a tem como uma de suas principais fontes alimentares (BARREIRA *et al.*, 2021).

Cada vez mais as espécies cultivadas por agricultores familiares, bem como os produtos derivados destas, estão ganhando destaque. Recentemente, a Portaria Interministerial MAPA/MMA nº 10, de 21 de julho de 2021, no seu Art. 1º instituiu “a lista de espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício, para fins de comercialização *in natura* ou de seus produtos derivados” (BRASIL, 2021). A portaria considera ainda que os produtos gerados a partir da biodiversidade pelos agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais, auxilia a “promover a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurar os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem” (BRASIL, 2021).

Políticas públicas direcionadas para produtos gerados por povos e comunidades tradicionais a partir da biodiversidade, auxiliam na divulgação destes produtos e aumentam a demanda de consumo dos mesmos, o que pode gerar um aumento na renda para diversas famílias. Além disso, tendem a fortalecer a cultura e os saberes adquiridos e desenvolvidos por essas comunidades sobre uma grande variedade de espécies vegetais, bem como, promover a valorização de diferentes espécies provenientes da biodiversidade brasileira.

Dentre as espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício citadas na Portaria Interministerial MAPA/MMA nº 10, de 21 de julho de 2021, encontram-se algumas espécies cultivadas por Dona Libertina como: *Arachis hypogaea* (amendoim), *Butia catarinensis* (butiá), *Physalis pubescens* (fisális), *Psidium guajava* (goiaba-branca), *Manihot esculenta* (aipim), *Pereskia aculeata* (ora-pro-nobis), *Eugenia uniflora* (pitanga), *Bixa orellana* (colorau) e *Eugenia pyriformis* (uvaia). Desta forma, percebe-se que muitas espécies utilizadas

pela agricultora para consumo familiar, possuem também potencial para comercialização, o que poderia ajudar a melhorar a renda da família, além de trazer maior autonomia para agricultora.

Como observado junto à Dona Libertina, em comunidades rurais, as agricultoras têm papel essencial na segurança alimentar de seus familiares. São as responsáveis pela gestão da produção de diversos alimentos, como legumes, cereais, hortaliças, frutas, ovos, queijos, doces e leite. A produção destes alimentos que entram para consumo familiar, contribui para economia da renda da casa que pode, desse modo, ser utilizada para aquisição de outros gêneros alimentícios, não produzidos em seus quintais (CAMINHAS, 2020). De acordo com Dona Libertina, ela cultiva hortaliças, legumes e frutas, produz queijo, açúcar, geleia e vinagre para consumo de toda família e venda do excedente.

A produção de alimentos para consumo da família, em algumas comunidades rurais é destinado às mulheres, como um dos tipos de trabalho desvalorizado pela sociedade. No entanto, a realidade é que estas agricultoras, produzem uma rica variedade de alimentos, os quais suprem não apenas o consumo da família, mas de vizinhos, através de trocas e doações, e, muitas vezes de compradores locais. Práticas como essas, desempenhadas pelas agricultoras, promovem a valorização da Agricultura Familiar e o fluxo dinâmico de acesso à Segurança Alimentar dentro da sua comunidade (CAMINHAS, 2020). Desta forma, pode-se perceber a importância do trabalho desempenhado pelas agricultoras e o quanto este trabalho merece reconhecimento. Frequentemente essas mulheres além do trabalho doméstico e nos quintais, ainda auxiliam no cultivo das roças

3.3.3 Plantas Ornamentais

Para as 35 espécies ornamentais cultivadas por Dona Libertina, 11 (31%) são nativas do Brasil e 24 (69%) são exóticas. Do total 31 espécies possuem ciclo de vida perene e 4 são anuais. A semeadura é feita pela agricultora manualmente, ela colhe as sementes, deixa secar e realiza o plantio quando considera uma boa época para espécie em questão. As famílias botânicas foram bem diversificadas, sendo Apocynaceae a que apresentou o maior número de espécies (3), conforme apresentado na tabela 3. Esta família destaca-se por sua riqueza de espécies utilizadas principalmente como ornamentais, medicinais e na construção civil (SANTOS *et al.*, 2013). Espécies pertencentes à Apocynaceae estão amplamente e predominantemente distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais (JUDD *et al.*, 2009),

incluindo o Brasil, onde são encontrados cerca de 94 gêneros e 974 espécies (FLORA DO BRASIL, 2020).

Dentre as espécies ornamentais, além do papel de embelezamento do quintal, são encontradas algumas utilizadas para deixar o jardim e a casa perfumados, de acordo Dona Libertina. Alguns cactos plantados próximos da cerca que circunda o jardim, segundo a agricultora, servem para proteger as plantas do quintal, evitando que os bois tentem comê-las.

Tabela 3- Plantas ornamentais registradas no quintal da Sra. Libertina Zanzi Mariot, no Bairro Morro Albino, apresentadas em famílias/espécies, onde NP = nome popular; O= origem (N= nativa, E= exótica, sendo: E^C = Exótica Cultivada e E^N = Exótica Naturalizada; RO = Região de Origem; ROB. = Região de Ocorrência no Brasil; USO= tipo de utilização e CV= Ciclo de vida (P= perene, A= anual).

[illegible]

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	CV
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortência	E ^C	China e Japão	Sudeste e Sul	Embelezar	P
Iridaceae						
<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H. Bailey	palma-de-santa-rita	E ^C	Ásia, África e Mediterrâneo	Sul	Embelezar	A
Lamiaceae						
<i>Physostegia virginiana</i> (L.) Benth.	SD	E ^C	Estados Unidos	Sul	Embelezar	P
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	alegria-de-jardim	N	Brasil	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P
Nephrolepidaceae						
<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	samambaia	E ^C	Da América do Norte à América do Sul, África, Ásia e Austrália	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P
Orchidaceae						
<i>Arundina graminifolia</i> (D. Don) Hochr.	orquídea-bambu	E ^C	Burma	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P
<i>Epidendrum fulgens</i> Brongn.	orquídea	N	Brasil	Sudeste e Sul	Embelezar	P
Piperaceae						
<i>Peperomia argyreia</i> (Miq.) E.Morren.	casquinha-de-melancia	E ^C	Não encontrada	Nordeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P
<i>Peperomia caperata</i> Yunck.	SD	E ^C	Origem desconhecida	Sul	Embelezar	P
Portulacaceae						
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	onze-hora	N	Brasil	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar	A
Rosaceae						
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	E ^C	Europa	Nordeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P
<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	rosa	E	Ásia, China e Japão	Sul	Embelezar	P
Solanaceae						
<i>Cestrum nocturnum</i> L.	dama-da-noite	E ^C	Antilhas	Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar e deixar a casa perfumada	P

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	ROB	USO	CV
Violaceae						
<i>Viola odorata</i> L.	violeta-roxa	EC	Europa, África e Ásia ocidentais	Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul	Embelezar	P

Fonte: Autora (2021).

Dona libertina, relatou ter grande apego pelo seu jardim. No momento de organizar o seu quintal, as plantas ornamentais ganharam destaque, sendo cultivadas na frente e ao lado da residência. De acordo com Lorenzi (2015), o jardim é uma sistematização de diferentes elementos da natureza, principalmente de plantas, que tem como objetivos serem admiradas pelo ser humano. Dona Libertina contou ainda que, quando pequena, o pai separou um pedaço de terra do quintal para ela plantar, e ela escolheu espécies ornamentais, que na época eram suas preferidas. Comentou que após plantar “*cuidava tanto, tanto, que ficou a coisa mais linda! Parecia um tapete de flor*”

Duas das plantas ornamentais cultivadas e muito apreciadas pela agricultora são *Guzmania lingulata*, conhecida popularmente por ela, como bromélia e a *Salvia splendens*, conhecida como alegria-de-jardim, duas espécies nativas do Brasil.

Guzmania lingulata, também é conhecida popularmente como estrela-escarlata e trata-se de uma das plantas mais comercializadas e propagadas da família Bromeliaceae (BELOTTO *et al.*, 2014). Esta família é conhecida principalmente por suas características ornamentais e alimentícias (JUVICK *et al.*, 2017). Ademais, estudos recentes mostram que Bromeliaceae apresenta importantes propriedades biotecnológicas de interesse medicinal (ESPINOZA *et al.*, 2018; VALLÉS; CANTERA, 2018; SINGH *et al.*, 2018).

A capacidade das bromélias-tanque de acumular água e matéria orgânica no centro de suas bainhas foliares sobrepostas em forma de espiral e alargadas, possibilita que formem habitat para uma riqueza de espécies (DIAS *et al.*, 2014). Segundo Rocha *et al.* (2000), devido a extensa complexidade estrutural das bromélias, essas plantas atraem diferentes formas de vida, o que influencia diretamente na diversidade e riqueza da fauna que com ela interage, justificando sua relevância nos mais variados ecossistemas.

Salvia splendens, pertencente à família Lamiaceae, que apresenta propagação por sementes, é muito utilizada em jardins em virtude da sua intensa floração durante todo o ano (LORENZI, 2015). Segundo Dona Libertina, além de ser utilizada como ornamental é também uma espécie

medicinal. O chá de suas folhas é etnoindicado pela agricultora para baixar a diabetes. Um estudo realizado para testar os efeitos antioxidantes, anti-inflamatórios e anti-hiperglicêmicos *in vivo*, das partes aéreas de *Salvia splendens*, em modelos de ratos albinos machos, sugeriu que a espécie pode ter papel de suporte no controle de condições diabéticas devido à presença de compostos polifenólicos (EL SAWI; SLEEM.; MERGHANY, 2021). Isso mostra quão intenso e diversificado podem ser os variados usos de uma planta e, dessa forma, quando cultivamos uma espécie estamos exaltando todos os múltiplos usos que dela provém.

Segundo Dona Libertina, ainda hoje em seu quintal, encontram-se espécies que plantou na casa dos pais quando jovem, como é o caso da rosa-branca (*Rosa alba* L.) e do xaxim (*Dicksonia sellowiana* Hook.), que as acompanha há mais de 60 anos. *Rosa alba*, além de utilizada para ornamentação, também é usada como medicinal. De acordo com Dona Libertina, “quando as vistas estão irritadas, avermelhadas ou coçando, se faz o chá da rosa-branca, deixa esfriar bem e lava os olhos, ele é refrescante”.

O cultivo de plantas ao longo dos anos, como no caso de Dona Libertina que cultiva algumas espécies há mais de 60 anos, auxilia na conservação ambiental dessas espécies, caso sua ocorrência natural diminua ou esteja ameaçada por qualquer fator. Segundo Oakley (2004), os quintais podem ser considerados como reservatórios de biodiversidade, pois reduzem impactos ambientais e fortalecem os vínculos sociais e a preservação da cultura. Neste contexto, quanto mais diversificado o número de espécies cultivadas nos quintais, maior biodiversidade estará sendo conservada ao longo dos tempos.

De acordo com Lorenzi (2015), embora nossa flora brasileira seja rica em espécies, ainda são poucas as plantas nativas usadas como ornamentais, o que se deve à desinformação, falta de pesquisa e divulgação. O autor ainda relata que muitas das espécies, devido a destruição de seus ecossistemas naturais e o não cultivo, correm grande risco de extinção. Desta forma, é evidente a importância da preservação dessas espécies, através do cultivo nos quintais ao longo dos anos e, especialmente, desenvolvendo-se em seu habitat natural.

3.4 SEMEANDO SABERES: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES COMPARTILHADAS POR DONA LIBERTINA

De acordo com Dona Libertina, as plantas sempre estiveram presentes na sua vida, desde a infância até na criação de seus filhos quando utilizou “*muitas vezes das ervas que cultivava para alívio e cura de doenças*”. Além disso, sempre teve em sua mesa o alimento que produzia, para sustento da família. Ela conta que com o passar dos anos, devido à idade

avançada, a dificuldade de cuidar do quintal aumentou um pouco, no entanto, nunca deixou fazer tudo que está ao seu alcance para manter conservado o quintal e as espécies que cultiva. Na figura 10 pode-se observar Dona Libertina em seu quintal, admirando as espécies cultivadas por ela. A dedicação da agricultora no cultivo ao longo dos anos, fez com que desenvolvesse grande conhecimento sobre as plantas, vivenciado e desenvolvido em sua rotina diária. Reconhecer a relevância deste conhecimento, auxilia em sua manutenção e conservação dentro da comunidade em que vive e para as próximas gerações.

Figura 10 - Dona Libertina admirando as plantas que cultiva em seu quintal.



Fonte: Autora (2019).

Dona Libertina relata que utiliza em seu dia a dia muitas experiências e conhecimentos, a respeito de diferentes cultivos, que trouxe da infância e passados principalmente por seu pai. Segundo ela, *“a mãe não podia ir para roça, pois ela era responsável pelo serviço da casa, comida, roupa e limpeza. As vezes em que ia para roça, era apenas para levar marmita para o pai e os irmãos que estavam lá trabalhando”*. Ela nos contou que, quando a mãe estava doente e não podia realizar os afazeres da casa, ela então ficava e auxiliava a mando de seu pai, porém, ela afirma que *“não gostava do serviço de casa, preferia estar trabalhando com a terra”*.

Este relato demonstra como era e ainda é, em alguns casos, a divisão sexual do trabalho em comunidades rurais. Muitas vezes as mulheres, mesmo gostando de trabalhar com a terra, não tem a oportunidade executar o que gostam, pois a elas são destinados os serviços domésticos. De acordo com Scheffler (2017), uma sociedade estruturada na divisão sexual do trabalho, acaba por hierarquizar o ofício de acordo com o sexo de quem o realiza, desvalorizando por vezes, os esforços femininos. Segundo o autor, este feito faz parte de um contexto histórico que organiza as práticas sociais em todas as sociedades humanas conhecidas.

Por sua vez, Dona Libertina mencionou ainda que, após casada, cumpria com os serviços domésticos, mas sempre que podia, ia trabalhar na roça, que era o que gostava de verdade, pois lá, conseguia colocar em prática tudo que aprendeu ao longo dos anos.

Para a agricultora o que mais gostava de aprender com o pai era como plantar e cultivar diferentes espécies. Até hoje utiliza a técnica de plantio de milho (Figura 11) que aprendeu com ele na infância e ensina:

“O milho tem o macho e tem a fêmea, na hora de plantar usa três grãos da fêmea e um do macho.[...] a espiga de milho que tem os grãos até embaixo, que não aparece o sabugo é a fêmea, aquela que fica uma ponta do sabugo embaixo aparecendo é o macho, na hora de plantar então usa três fêmeas e um macho, o milho vem bonito, que tu precisas ver”.

Figura 11- Dona Libertina secando milho que havia colhido em seu quintal, cultivado através da técnica ensinada por seu pai.



Fonte: Autora (2021).

Além dos ensinamentos passados pelo pai, ela utiliza ainda hoje, também o que a mãe lhe ensinou, como a produção do açúcar, melado, queijo, sabão, bolachas e geleias. Ensina ainda a preparar seu doce de goiaba, o qual é apreciado pelos filhos e vizinhos.

“O doce de goiaba que eles gostam bastante, é três canecas de goiaba madura e uma de açúcar, esses dias fiz tanta, pra não perder as frutas. As vezes também, eu misturo as goiabas, boto duas canecas da vermelha e uma da branca, a vermelha meu filho trás da casa dele, assim, misturando as goiabas, o doce fica com sabor mais suave”.

Dona Libertina conta, que assim como o doce de goiaba, a maioria do que produz, fica para o consumo da família, para venda são poucos os produtos. A venda ocorre para clientes já fixos, a maioria vizinhos e parentes que vão até sua casa para comprar. Todavia, ela mencionou que “*muitas agricultoras vendem na feira o que produzem*”. Porém, Dona Libertina

não leva seus produtos na feira, porque segundo ela “*produz pouco e além disso, não teria como levar, porque não tem carro, não dirige e a idade avançada também dificulta*”. É interessante que mesmo sem vender seus produtos na feira, ela tem conhecimento e indica, que muitas outras agricultoras utilizam da feira para vender o que produzem.

Fatos como este, mostram o quanto o trabalho das mulheres agricultoras as tornam independentes e o quanto auxiliam na sua autonomia. Diversos estudos, exaltam sobre a união e participação de mulheres agricultoras na criação e manutenção de diversos grupos, feiras e cooperativas, buscando valorização e reconhecimento pelo seu trabalho na agricultura familiar (SANTOS *et al.*, 2019; VIEIRA; KORZ; FISCHER, 2020; ROCHA *et al.*, 2021). Compreender mais sobre o processo produtivo adotado por essas mulheres, possibilita conhecer as demandas e desafios enfrentados pelas agricultoras. Este fato pode auxiliar na construção e reestruturação de políticas públicas diferenciadas, que possibilitem destacar e valorizar o trabalho e conhecimento gerado por mulheres agricultoras.

Neste contexto vale mencionar a relevância da participação da mulher nas políticas públicas direcionadas para agricultura familiar. Em relação à participação da mulher, Silva (2019) assegura que, somente através do reconhecimento dos direitos das mulheres enquanto trabalhadoras, seu autorreconhecimento e também da sua participação em espaços políticos, sociais, culturais, entre outros, é que se torna possível romper com as desigualdades de gênero e da desvalorização do seu papel na esfera produtiva. Sustenta ainda que, apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo da história, as mulheres vêm ganhando cada vez mais seu espaço nos movimentos sociais e na política, tornando-se exemplos de luta e resistência.

O trabalho desempenhado no dia a dia pelas agricultoras contribui não apenas para sua autonomia, mas também, para formação da sua consciência ambiental. Em algumas falas da Dona Libertina, ficou explícita sua enorme preocupação com a perda da biodiversidade, fato observado por ela de que algumas espécies abundantes em outras épocas, no seu ver estão diminuindo e por vezes até desaparecendo. Segundo a agricultora, é necessário passar adiante mudas de diferentes espécies para que elas não se percam. Para isso, a agricultora está sempre cultivando sementes e distribuindo mudas de diferentes espécies como observado nas figuras 12 e 13. O fato de querer repassar para diferentes pessoas as espécies que cultiva, mostra sua grande consciência ambiental e evidencia sua preocupação com o desaparecimento e/ou extinção de algumas espécies vegetais.

Esse hábito desenvolvido pela agricultora, de distribuir mudas de plantas, nos faz refletir como pequenas atitudes podem contribuir positivamente para a conservação de espécies e divulgação do conhecimento popular e transgeracional que se tem sobre as espécies vegetais.

Em uma das entrevistas, Dona Libertina contou sobre os cuidados que tem com as plantas e frisou sobre a importância de cuidar das espécies que, segundo ela, “são difíceis de se achar”.

“[...] quem tem essa violeta-roxa, que ela tem a florzinha escondida embaixo da folha, vocês cuidem! porque ela tá em extinção, não existe mais”.

“Eu plantei em um vasinho, cuidei, cuidei, veio vindo, plantei no chão, vieram bastante mudas, é difícil eu perder as plantas. [...] eu quando perco, já vou rezando pra vim de volta.. [...] o iodo, eu rezei: senhor me manda pelo menos um pezinho. Até porque morreu o pé, a semente não deu nem tempo pra colher, porque estava verde ainda. Olha, nasceram quatro mudas! Dei uma pra minha sobrinha: tu espalhas eu disse! porque se não, eu um dia perco e se eu perco, vocês têm”.

Figura 12- Dona Libertina mostrando e explicando sobre as mudas que havia plantado nos vasilhos.



Fonte: Autor (2021).

Figura 13- Dona Libertina colhendo mudas de “marcela-galega” para distribuir para equipe de pesquisa que foi visitá-la em julho/2021.



Fonte: Autor (2021).

Conforme observado, Dona Libertina faz doação de mudas de plantas buscando garantir a conservação das espécies. Todavia, ela também realiza com frequência trocas de muitas espécies no Grupo de Mães do Bairro Morro Albino, do qual participa (agora com as reuniões suspensas devido a Pandemia pela COVID-19). Ao compartilharem suas experiências e saberes sobre plantas, estas mulheres estão mantendo vivo o conhecimento adquirido ao longo de gerações, conhecimento este, que passa por adaptações e inovações no decorrer do tempo, de acordo com as necessidades e vivências de cada agricultora. Além disso, redes de troca de mudas e sementes, tem o potencial de estimular o resgate e a conservação de espécies, fazendo das mulheres protagonistas da manutenção da biodiversidade.

Ações como esta, idealizada pelas agricultoras no Clube de Mães, devem ser reconhecidas e valorizadas dentro da academia, por meio de reuniões, mesas redondas, rodas de conversa, simpósios, entre outros eventos socioculturais. Trazer este conhecimento para dentro do meio acadêmico-científico, pode contribuir para sua valorização, bem como no aumento da autoestima das agricultoras, mostrando a elas que seu conhecimento é importante e necessário. Além disso, pode auxiliá-las a formar seu próprio conceito sobre as atividades que desenvolvem e como essas atividades se relacionam com outros setores da sociedade. Projetos como este, estimulam as mulheres a se conectarem e trocar experiências, contribuindo para

ciência e para a sociedade na busca da valorização da diversidade biocultural, neste contexto especificamente dos vegetais.

Considerando a experiência vivenciada e os saberes de Dona Libertina, os resultados obtidos através desta pesquisa, após término da Covid 19, serão repassados a suas amigas do Clube de Mães do Morro Albino. Visando valorizar a história da agricultora, bem como, a tradição desenvolvida por ela e pelas demais agricultoras da comunidade, de realizar as trocas de muda durante as reuniões, garantindo assim, maior conhecimento sobre a biodiversidade de espécies vegetais cultivadas na comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Conhecer as vivências e experiências de pessoas que trabalham com a terra, neste caso em especial as agricultoras familiares, demonstra a extensão do conhecimento por elas adquirido e o quanto este conhecimento é diversificado. Seus quintais cultivados com dedicação, possibilitam a promoção da interação entre seres humanos e ambiente, associam conhecimento etnoecológico, etnobotânico, etnofarmacológico, elementos culturais e um misto de saberes transmitidos e repassados por familiares que as antecederam, amigos e vizinhos.

No quintal de Dona Libertina foram registradas 142 espécies vegetais utilizadas para fins alimentícios, medicinais e ornamentais. Ressaltando, que devido as dificuldades de isolamento, em razão da pandemia pela COVID-19, não foi possível averiguar a sazonalidade dessas espécies, o que pode ter interferido no número de espécies registradas. O cultivo das espécies vegetais realizado pela agricultora, representa grande fonte de recursos vegetais, além de demonstrar a estreita relação da agricultora com o meio natural. O saber por ela adquirido é um forte indicativo de conservação ambiental, bem como de todo conhecimento sobre utilização e cultivo das espécies que foram repassados para o seu quintal.

O conhecimento gerado no dia a dia de atores sociais, como agricultoras, caracteriza um precioso saber, que merece destaque em diferentes áreas de estudo. Além do reconhecimento pela sociedade, é necessário que esses atores sociais também se reconheçam como importantes detentores do conhecimento tradicional local. Isso fará com que se sintam seguros para passá-lo adiante, o que é primordial para que ao longo dos anos este conhecimento seja mantido e se perpetue.

Assim sendo, pesquisas que envolvam a comunidade, suas vivências e rotinas, se fazem necessárias e essenciais para que cada vez mais se reconheça e valorize este saber, que ao longo dos anos é experimentado, adaptado e inovado de acordo com as necessidades de cada comunidade. Além disso, é indispensável que a comunidade receba a devolutiva com os resultados obtidos nestas pesquisas, para que assim, comunidade e pesquisadores possam atuar juntos na construção e manutenção do conhecimento.

Estudos envolvendo quintais e cultivo de plantas auxiliam a reafirmar que estes ambientes são capazes de conciliar uso sustentável dos recursos naturais, manutenção do conhecimento local, conservação da biodiversidade, além de melhorar a qualidade de vida dos envolvidos no seu cultivo. Podem também, contribuir para descoberta de novos caminhos, onde ser humano e natureza possam servir um ao outro de forma benéfica e solidária.

A dificuldade enfrentada nesta pesquisa pela pandemia por COVID-19 inviabilizou mais visitas à agricultora, interferindo não apenas em relação as informações sobre as espécies vegetais, mas também em relação a coleta de dados sobre o dia a dia da entrevistada. Havia o propósito de passar alguns dias com a agricultora, para observar mais de perto suas atividades diárias e seus conhecimentos, buscando conhecer mais a fundo sua história. Entretanto, as normas de isolamento social impediram esta ação.

Pelo exposto e pelo que representa os saberes locais e ancestrais, recomenda-se que mais estudos sejam realizados no quintal da agricultora familiar, a fim de apurar maiores informações sobre seus conhecimentos locais, bem como, sobre as espécies vegetais que cultiva em diferentes épocas do ano. Sugere-se também que outras pesquisas envolvendo as demais agricultoras da comunidade sejam realizadas, a fim de divulgar e valorizar o trabalho destas mulheres, muitas vezes invisível, bem como seu conhecimento adquirido e desenvolvido ao longo do tempo. Ademais, estudos como estes apresentam potencial para valorizar a cultura local dos moradores da APA do Morro Albino e Esteves, evidenciando que Áreas de Proteção Ambiental, além de desempenharem importante papel na proteção dos recursos naturais, também auxiliam na conservação e fortalecimento do conhecimento tradicional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. *In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: PE: NUPEEA, p. 39-64, 2010.
- ALBUQUERQUE; U. P.; LUCENA R. F. P; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. *In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, 2010. p. 23-37.
- ALEMU, M. M. Indigenous Agroforestry Practices in Southern Ethiopia: The Case of Lante, Arba Minch. **Open Access Library Journal**, v. 3, p. 1-12, 2016.
- ALVARES, C. A. *et al.* Köppen's climate classification map for Brazil. **Meteorologische Zeitschrift**, v. 22, n. 6, p.711-728, 2013.
- AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 3, p. 329-341, 2008.
- AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. *In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.) Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: PE: NUPEEA, p. 67-82, 2010.
- ANVISA. **Formulário Fitoterápico para a Farmacopeia Brasileira**. 2ª ed. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/2021-fffb2-final-c-cap2.pdf>>. Acesso em: 14 de jun. 2021.
- APG. Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, p. 1-20, 2016.
- ARAÚJO, F. D. Etnobotânica e Botânica Econômica: progressos nos últimos anos. *In: FONSECA, V. S.; SILVA, I. M.; CATARINO DE SÁ, C. F. Etnobotânica: bases para a conservação*. EDUR, p. 1-8, 1998.
- ARLETTI, R. *et al.* Stimulating property of *Turnera diffusa* and *Pfaffia paniculata* extracts on the sexual behavior of male rats. **Psychopharmacology**, v. 143, p. 15-19, 1999.
- ASEKUN, O. T.; GRIERSON, D. S.; AFOLAYAN, A. J. Effects of drying methods on the quality and quantity of the essential oil of *Mentha longifolia* L. subsp. *Capensis*. **Food Chemistry**, v. 101, p. 995–998, 2007.
- BACK, A. J. Caracterização climática. *In: MILIOLI, G.; SANTOS, R.; CITADINI-ZANETTE, V. Mineração de carvão, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina*. Curitiba: Juruá, p. 17-49, 2009.

BARREIRA, T. F. *et al.* Nutrient content in ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata* Mill.): unconventional vegetable of the Brazilian Atlantic Forest. **Food Science and Technology**, v. 41, p. 47-51, 2021.

BELOTTO, E. M. *et al.* Caracterização anatômica, histoquímica e de classes de metabólitos secundários de folhas de *Guzmania lingulata* (L.) Mez. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, p. 127-134, 2014.

BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de Cordoaria, litoral norte do estado da Bahia, Brasil. **PLURAIS-Revista Multidisciplinar**, v. 1, p. 153-174, 2018.

BORGES, R. M.; MOREIRA, R. P. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais no município de Confresa Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 15, p. 68-82, 2016.

BRACK, P. Plantas alimentícias não convencionais. **Agriculturas**, v.13, n.2, p.4-6, 2016.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Instrução normativa nº 02, de 13 de maio de 2014**. Publica a “Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado” e a “Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado”. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/int0002_13_05_2014.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASIL. **Lei Federal nº 13.123, de 20 de maio de 2015**. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm>. Acesso em: 01 fev. 2021.

BRASIL. **Portaria Interministerial MAPA/MMA nº 10, de 21 de julho de 2021**. Institui a “Lista de espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício, para fins de comercialização in natura ou de seus produtos derivados”. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-mapa/mma-n-10-de-21-de-julho-de-2021-333502918>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

CALVET-MIR, L. *et al.* The Transmission of Home Garden Knowledge: Safeguarding Biocultural Diversity and Enhancing Social–Ecological Resilience. **Society and Natural Resources**, v. 29, p. 556-571, 2016.

CAMINHAS, A. M. T. A importância das mulheres agricultoras no fortalecimento da segurança alimentar em um assentamento rural de Córrego Rico, estado de São Paulo. **Revista InterEspaço**, v. 06, p. 01-19, 2020.

CAMPOS, J. L. A.; SILVA, T. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar? In: ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* **Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. 1. ed. Recife, PE: Nupeea, 2021. 184 p.

CARDOSO, E. S. *et al.* Conhecimento e uso do gengibre por familiares de alunos de duas unidades escolares de Alta Floresta/MT. **Gaia Scientia**, v. 12, p. 145-154, 2018.

CARNIELLO, M. A. *et al.* Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**, v. 40, p. 451-470, 2010.

CAVALHEIRO, L.; GUARIM-NETO, G. Ethnobotany and regional knowledge: combining popular knowledge with the biotechnological potential of plants in the Aldeia Velha community, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brazil. **Boletín Latino americano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas**, v. 17, p. 197-216, 2018.

CECHINEL FILHO, V. *et al.* I3-naringenin-II8-4' -OMe-eriodictyol: a new potential analgesic agent isolated from *Rheedia gardneriana* leaves. **Zeitschrift fur Naturforsch**, v. 55, p. 820–823, 2000.

CITADINI-ZANETTE; V.; MARTINS, R. Identificação botânica: ênfase plantas medicinais. **Caderno técnico-didático**, ACPM, v. 1, p. 7-24, 2011.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial**: plantas para o futuro - Região Sul. Brasília: MMA; 2011. 934p.

COSTA, C. A. *et al.* Antiinflammatory effects of Brazilian ginseng (*Pfaffia paniculata*) on TNBS-induced intestinal inflammation: Experimental evidence. **International Immunopharmacology**, v. 28, p. 459-469, 2015.

COSTA-NETO, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira: Resultados preliminares. **Interciência**, vol. 25, p. 423-431, 2000.

CULTRERA, M.; AMOROZO, M. C. M.; FERREIRA, F. C. Agricultura urbana e conservação da agrobiodiversidade: um estudo de caso em Mato Grosso, Brasil. **Sitientibus, série Ciências Biológicas, Feira de Santana**, v.12, p. 323-332, 2012.

CUNHA, M. C. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Estudos avançados**, v.13, p. 147-163, 1999.

CUTRIM, E. S. M. *et al.* Avaliação da atividade antimicrobiana e antioxidante dos óleos essenciais e extratos hidroalcoólicos de *Zingiber officinale* (gengibre) e *Rosmarinus officinalis* (alecrim). **Revista Virtual de Química**, v. 11, p. 60-81, 2019.

DANTAS J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, p. 39-48, 2019.

DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA, C. A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2. Ed. São Paulo: Unesp, 2002. 604 p.

DIAS, M. L. *et al.* Bromélias e suas principais interações com a fauna. **CES Revista**, v. 28, p. 3-16, 2014.

EL SAWI, S. A.; SLEEM, A. A.; MERGHANY, R. M. *In Vivo* Antioxidant, anti-Inflammatory and anti-Hyperglycemic Effects of *Salvia splendens* Aerial Parts in Male Albino Rat Models. **Journal of Herbs, Spices e Medicinal Plants**, v. 27, p. 149-160, 2021.

ESPINOZA, L. M. *et al.* Antioxidant capacity of egg, milk and soy protei hydrolysate and biopeptides produced by *Bromelia pinguin* and *Bromelia karatas*-derived proteases. **Emirates Journal of Food and Agriculture**, v. 30, p. 122-130, 2018.

FERNANDES, J. M. *et al.* Taxonomia de *Inga macrophylla* Hunb. & Bonpl. ex Willd. (Leguminosae, Mimosoideae): Uma Nova Ocorrência Para Mato Grosso, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 13, p. 1329-1335, 2016.

FERREIRA, E. L. *et al.* Etnoconhecimento e utilização do gengibre no norte de Mato Grosso. **Revista Vivências**, v. 16, p. 157-169, 2020.

FERREIRA, T. A. P. C.; MATIAS, A. C. G.; ARÊAS, J. A. G. Características nutricionais e funcionais do Amarantho (*Amaranthus* spp.). **Nutrire: revista da Sociedade Brasileira Alimentação e Nutrição**, v. 32, p. 91-116, 2007.

FLORA DO BRASIL 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRISON, E. A.; CHERFAS, J.; HODGKIN, T. Agricultural Biodiversity Is Essential for a Sustainable Improvement in Food and Nutrition Security. **Sustainability**, Basel, v. 3, p. 238-253, 2011.

GALLUZZI, G.; EYZAGUIRRE, P.; NEGRI, V. Home Gardens: Neglected Hotspots of Agrobiodiversity and Cultural Diversity. **Biodiversity Conservation**, v. 19, p. 3635–3654, 2010.

GARCIA, F.C.P. **Relações Sistemáticas e Fitogeográficas do Gênero *Inga* Miller (Leguminosae, Mimosoideae, Ingeae) nas Florestas da Costa Sul e Sudeste do Brasil.** Instituto de Biociências do Campus Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil. (Tese Doutorado). 1998, p. 248.

GARDIN, N. E.; BRAGA, A. J. Greater celandine (*Chelidonium majus* L.) for COVID-19: A twenty-case series. **Phytotherapy Research**, v. 35, p. 1–7, 2021.

HARLEY, R. M. *et al.* Labiatae. In: KADEREIT, J. W. **The families and genera of vascular plants**. ed. Berlin, Springer, p. 164-275, 2004.

HUMENHUK, T.; LEITE, D. R. B.; FRITSCH, M. Conhecimento popular sobre plantas medicinais utilizadas no município de Mafra, SC, Brasil. **Saúde e Meio Ambiente**, v. 9, p. 27-42, 2020.

IDOHOU, R. *et al.* Biodiversity conservation in home gardens: traditional knowledge, use patterns and implications for management. **Journal of Biodiversity Science, Ecosystem Services & Management**, v. 10, p. 89-100, 2014.

JUDD, W. S. *et al.* **Sistemática Vegetal: Um Enfoque Filogenético**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 632p.

JUVICK, O. J. *et al.* Non-Polar natural products from *Bromelia laciniosa*, *Neoglaziovia variegata* and *Encholirium spectabile* (Bromeliaceae). **Molecules**, v. 22, p. 1-13, 2017.

KINUPP, V. F. **Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. 562 f. Tese (Doutorado em Agronomia), Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais, receitas ilustradas. 1ª ed.- Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2014. 768p.

KIZIL, S. *et al.* Mineral content, essential oil components and biological activity of two *Mentha* species (*M. piperita* L., *M. spicata* L.). **Journal of Field Crops**, v. 15, p. 148–153, 2010.

LEMES, G. F., FERRI, P. H., LOPES, M. N. Constituintes químicos de *Hyptidendron canum* (Pohl ex Benth.) R. Harley (Lamiaceae). **Química Nova**, v. 24, p. 39-42, 2011.

LIMA, B. B.; FERNANDES, F. P. Uso e diversidade de plantas medicinais no município de Aracati – CE, Brasil. **Journal of applied pharmaceutical Sciences**, v. 7, p. 24-42, 2020.

LIMA, N. M., SANTOS, V. N. C., PORTA, L. Quimiodiversidade, Bioatividade e Quimiosistemática do Gênero *Inga* (FABACEAE): Uma Breve Revisão. **Revista Virtual Química**, v. 10, p. 459-473, 2018.

LINHARES, J. F. P. *et al.* Etnobotânica das principais plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 5, p. 39-46, 2014.

LINS NETO, E. M. F. *et al.* Domesticação de Plantas. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). **Introdução à Etnobiologia**. Recife: Nupeea, p. 127-135, 2014.

LORENZI, H. **Plantas para jardim no Brasil: herbáceas, arbustivas e trepadeiras**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2015. 1120p.

LPWG -The Legume Phylogeny Working Group. Legume phylogeny and classification in the 21st century: Progress, prospects and lessons for other species-rich clades. **Taxon**, v.62, p.217-248, 2013.

MACEDO, G. S. S. R.; MING, L. C. Plantas alimentícias e paisagens: uso e conservação no Sertão do Ubatumirim, Ubatuba, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 52, p. 194-216, 2019.

MACÊDO, L. P.V. *et al.* **Conhecimento e uso de plantas medicinais por idosos atendidos na atenção primária à saúde**. IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Campina Grande- PB. 2015.

MAIA, N. L. *et al.* Synergism of plant compound with traditional antimicrobials against *Streptococcus* spp. isolated from bovine mastitis. **Frontiers in Microbiology**, v. 9, p.1-10, 2018.

- MAIA, S. G. C.; SOBRINHO, S. B. Análise etnobotânica da estrutura de quintais na fronteira Brasil/Paraguai. **Ethnoscientia**, v. 4, p. 1-17, 2019.
- MARCHIORETTO, M. S.; MIOTTO, S. T. S.; SIQUEIRA, J. C. Padrões de distribuição geográfica dos táxons brasileiros de *Hebanthe* Mart. (Amaranthaceae). **Pesquisas, Botânica**, v. 59, p. 159-170, 2008.
- MAROYI, A. Use and management of homegarden plants in Zvishavane district, Zimbabwe. **Tropical Ecology**, Winchelsea, v. 54, p. 191-203, 2013.
- MARTÍN, G. J. **Etnobotânica**: manual de métodos. Montevideo: Nordan-Comunidad, 2001. 240 p.
- MARTINEVSKI, C. S. *et al.* Utilização de bertalha (*Anredera cordifolia* (Ten.) Steenis) e ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* Mill.) na elaboração de pães. **Alimentos e Nutrição**, v. 24, p. 1-6, 2013.
- MATSUZAKI, P. *et al.* Antineoplastic effects of butanolic residue of *Pfaffia paniculata*. **Cancer Letters**, Amsterdam, v. 238, p. 85-89, 2006.
- MATSUZAKI, P. *et al.* Effect of *Pfaffia paniculata* (Brazilian ginseng) on the Ehrlich tumor in its ascitic form. **Life Sciences**, v. 74, p. 573-579, 2003.
- MCKAY, D. L.; BLUMBERG, J. B. A review of the bioactivity and potential health benefits of peppermint tea (*Mentha piperita* L.). **Phytotherapy Research**, v. 20, p. 619–633, 2006.
- MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). **Dicionário brasileiro de etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NUPEEA, 2012. 80 p.
- MEDEIROS, P. M. Why is change feared? Exotic species in traditional pharmacopoeias. **Ethnobiology and Conservation**, v. 2, p. 1-5, 2013.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MELZER, J. *et al.* Meta-analysis: Phytotherapy of functional dyspepsia with the herbal drug preparation STW 5 (Iberogast). **Alimentary Pharmacology & Therapeutics**, v. 20, p. 1279–1287, 2004.
- MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. A botânica na gestão ambiental. **Diversidade e Gestão**, v. 1, p. 33-50, 2017.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, p. 38-48, 2007.
- MOREIRA, D. L.; GUARIM NETO, G. Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, v. 27, p. 159-190, 2009.

MWAVU, E. N. *et al.* Agrobiodiversity of homegardens in a commercial sugarcane cultivation land matrix in Uganda. **International Journal of Biodiversity Science, Ecosystem Services and Management**, v. 12, p. 191-201, 2016.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, p. 37-39, 2004.

OLMSTEAD, R. G. *et al.* A molecular phylogeny of the Solanaceae. **Taxon**, v. 57, p. 1159-1181, 2008.

ORHAN, I. E. *et al.* Antimicrobial and antiviral effects of essential oils from selected Umbelliferae and Labiatae plants and individual essential oil componentes. **Journal of Biology**, v. 36, p. 239–246, 2012.

OTUKI, M. F. *et al.* *Garcinia gardneriana* (Planchon & Triana) Zappi. (Clusiaceae) as a topical anti-inflammatory alternative for cutaneous inflammation. **Basic & Clinical Pharmacology & Toxicology**, v. 109, p. 56–62, 2011.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, p. 195-207, 2005.

PASA, M. G. *et al.* Medicinal plants in cultures of Afro-descendent communities in Brazil, Europe and Africa. **Acta Botanica Brasilica**, v. 33, p. 340-349. 2019.

PENNINGTON, T. D. **The Genus Inga**: botany. Royal Botanic Gardens Kew. Richmond, UK, 1997. 844p.

PEREIRA, B. M.; ALMEIDA, M. G. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Revista GeoNordeste**, Aracaju, v. 2, p. 47-64, 2011.

PEREIRA, P. V. M; FIGUEIREDO NETO, L. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres–MT. **Electronic Journal of Management, Education and Environmental Technology**, v. 19, p. 783-793, 2015.

PPG I. The Pteridophyte Phylogeny Group. A community-derived classification for extant lycophytes and ferns. **Journal of Systematics and Evolution**, China, v. 54, n. 6, p. 563-603, 2016.

PRADO, A. C. C. *et al.* Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, v. 70, p. 1-10, 2019.

QUEIRÓZ, M. I. P. Relato Orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VONSIMSON, O. (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p.14-43.

RAMAKRISHNAN, R. *et al.* In Vitro Propagation and Conservation of Useful Endangered Medicinal Plants with Anticancer Activity. **Journal of Molecular Biology and Biotechnology**, v.2, P. 1-8, 2017.

- RIBEIRO, I. A. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Distrito de Água Santa de Minas, Tombos-MG. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, v. 5, p. 1257- 1268, 2019.
- RITTER, M. R. *et al.* Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 12, p. 51–62, 2002.
- ROCHA, A. V. S. *et al.* Processo de Incubação do “Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra”, em área de Várzea, no Município de Igarapé-Miri, região Amazônica Paraense. **Revista Craibeiras de Agroecologia**, v. 6, p.1-6, 2021.
- ROCHA, C. F. D. *et al.* **A Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. 168 p.
- ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R de M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Revista Interações**. Campo Grande, v. 16, p. 67-74, 2015.
- RODRIGUES, T. A. *et al.* A valorização das plantas medicinais como alternativa à saúde: um estudo etnobotânico. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v. 11, p. 411-428, 2020.
- SAMUELS, J. Biodiversity of food species of the Solanaceae family: a preliminary taxonomic inventory of subfamily Solanoideae. **Resources**, v. 4, p. 277-322, 2015.
- SANTOS, A. C. B. *et al.* Levantamento etnobotânico, químico e farmacológico de espécies de Apocynaceae Juss. ocorrentes no Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, p.4 42-458, 2013.
- SANTOS, A. O. *et al.* O Programa aquisição de alimentos (PAA) na Região Metropolitana de Santarém (Pará): o caso das mulheres agricultoras da COOMAPLAS. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, p. 11090-11106, 2019.
- SANTOS, E. Q. *et al.* Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará. **Scientia Plena**, v. 15, p. 1-11, 2019.
- SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R.; FERREIRA, M. D. G. R. Use of medicinal plants by the population of Ariquemes, in Rondonia State, Brazil. **Horticultura Brasileira**, v. 26, p. 244-250, 2008.
- SCHEFLER, M. L. N. Patriarcado: herança maldita no caminho das mulheres. *In*: Caderno de Textos. **Novos olhares, novos tempos**: Fortalecendo e ampliando as políticas públicas para as mulheres da Bahia. Secretaria de Política para as Mulheres, Salvador: 2017.
- SCHULZ, V.; HÄNSEL, R.; TYLER, V. E. **Fitoterapia racional**: um guia de fitoterapia para as ciências da saúde. São Paulo: Manole, 2002. 386 p.
- SEBASTIÃO, G. C. M.; SEDERLI, B. S. Análise etnobotânica da estrutura de quintais na fronteira Brasil/Paraguai. **Ethnoscience**, v. 4, p. 1-17, 2019.

- SILVA, F. J. B.; SCHEIBE, L. F. Conflitos territoriais entre agricultura e mineração em áreas de proteção ambiental. In: GUIVANT, J. S.; SCHEIBE, L. F.; ASSMANN, S. J. (Org.). **Desenvolvimento e conflitos no ambiente rural**. Florianópolis: Insular, p. 195-224, 2005.
- SILVA, J. A.; BÜNDCHEN, M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. **Unoesc & Ciência ACBS**, v. 2, p. 129-140, 2011.
- SILVA, M. R. Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, p. 2095-2105, 2019.
- SILVA, S. M. P. *et al.* Diagnóstico sobre a cadeia produtiva de plantas medicinais, aromáticas e condimentares na Região do Vale do Paraíba, SP. In: **Jornada Paulista de plantas medicinais**. Jornal Brasileiro de Fitomedicina. São Paulo: EDIC Editores Científicos, v. 5, p. 108, 2007.
- SILVA, T. C. *et al.* Inhibitory effects of *Pfaffia paniculata* (Brazilian ginseng) on preneoplastic and neoplastic lesions in a mouse hepatocarcinogenesis model. **Cancer Letters**, v. 226, p. 107-113, 2005.
- SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 1. Recife: NUPEEA, 2010. 382 p.
- SINGH, A. K. Early History of Crop Introductions into India: II. *Amaranthus* (L.) spp. Asian. **Agricultural History**, v. 21, p. 319-324, 2017.
- SINGH, A. K. *et al.* Biotechnological aspects of plants metabolites in the treatment of ulcer: A new prospective. **Biotechnology Reports**, v. 18, p. 1-13, 2018.
- SIQUEIRA, B. V. L. *et al.* The regionalization of medicalized vernacular names of medicinal plants in Brazil. **Scientometrics**, v. 110, p. 945–966, 2017.
- SOUSA, R. M. F. *et al.* Atividade antioxidante de extratos de folhas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* Mill.) usando métodos espectrofotométricos e voltamétricos in vitro. **Bioscience Journal**, v. 30, p. 448-457, 2014.
- TATAGIBA, S. D.; SOUSA, I. S.; OLIVEIRA, A. E. W. Etnobotânica de plantas medicinais na Região de Integração do Rio Tapajós, Comunidade do Bairro Maria Magdalena, Município de Itaituba, Pará, Brasil. **Biota Amazônia**, v. 9, p. 41-49, 2019.
- TETIK, F.; CIVELEK, S.; CAKILCIOGLU, U. Traditional uses of some medicinal plants in Malatya (Turkey). **Journal of Ethnopharmacology**, v.146, p. 331–346, 2013.
- UNESC. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Parque Científico e Tecnológico. Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas. Centro de Pesquisa e Estudos Ambientais. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) Morro Albino e Esteves** : Produto 5 – Plano de manejo / Centro de Pesquisa e Estudos Ambientais. – Criciúma, SC : CPEA : Prefeitura Municipal de Criciúma, 2019. 230 p.

UNNIKRISHNAN, P. M.; SUNEETHA, M. S. **Biodiversity, Traditional Knowledge and Community Health**. 1. ed. Strengthening Linkages: Singapore, 2012.

VALLÉS, D.; CANTERA, A. M. B. Antiacanthain A: new proteases isolated from *Bromelia antiacantha* Bertol. (Bromeliaceae). **International Journal of Biological Macromolecules**, v.113, p. 916-923, 2018.

VERDI, L. G. *et al.* Antibacterial and brine shrimp lethality tests of biflavonoids and derivatives of *Rheedia gardneriana*. **Fitoterapia**, v. 75, p. 360–363, 2004.

VIEIRA, M. G. M.; KORZ, C.; FISCHER, J. Agroecologia e economia solidária: desenvolvendo autonomia de mulheres agricultoras. **Cadernos de Agroecologia -Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

XARVIER, J. B. *et al.* Nutritive potential of amaranth weed grains. **African Journal of Agricultural**, v. 13, p. 1140-1147, 2018

WFO (2021): **World Flora Online**. Publicado na Internet. Disponível em: <<http://www.worldfloraonline.org>>. Acesso em: 22 mai 2021.

ZENI, A. L. B; BOSIO, F. Medicinal plants used in Atlantic Forest region, Southern of Santa Catarina-Brazil. **Revista Brasileira Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 96, p. 1101-1121, 2015.

ZENI, A. L. B. *et al.* Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Revista de Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2703-2712, 2017.

ZIELINSKA, S. *et al.* Greater celandine's ups and downs-21 centuries of medicinal uses of *Chelidonium majus* from the viewpoint of today's pharmacology. **Frontiers in Pharmacology**, v. 9, p. 1-29, 2018.

ANEXOS

Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE.

**Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Título da Pesquisa: SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA

Objetivo: Compreender os saberes de uma agricultora tradicional sobre as plantas presentes em sua unidade doméstica, localizada no Bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina.

Período da coleta de dados: 01/11/2019 a 30/07/2021

Tempo estimado para cada coleta: 02h30

Local da coleta: Unidade doméstica (quintal) de uma residência localizada no Bairro Morro Albino, município de Criciúma, Santa Catarina.

Pesquisador/Orientador: Profa. Dra. Vanilde Citadini Zanette

Telefone: 48
999785211

Pesquisadores/Acadêmicos:

1. Elaine Puziski Varela, Mestranda do PPGCA da UNESC

Telefone: 48
999424822

2. Suelani Cardoso Fenali, 8ª fase do Curso de Ciências Biológicas da UNESC
Telefone: (48) 99110-274

3. Amanda Vieira Matiola, 6ª fase do Curso de Ciências Biológicas da UNESC
Telefone: (48)999934710

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado (a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo (a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA

O participante responderá as perguntas sobre os vegetais cultivados em sua residência, no projeto denominada unidade doméstica, localizada no bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina, relatando seu saber tradicional sobre as plantas medicinais, alimentícias e ornamentais. As entrevistas serão realizadas por meio de um formulário com perguntas elaboradas sobre o tema e, se necessário, gravadas com o auxílio de um gravador de voz para otimizar o tempo em campo. Estima-se que o tempo de entrevista para cada participante seja de 2h:30 minutos.

RISCOS

Considerando que a participação dos interlocutores é voluntária e se dará a partir do Termo de Consentimento, não há previsão de riscos. Os sujeitos participantes serão protegidos, permanecendo no anonimato e sigilo no que se refere às entrevistas. Caso os sujeitos participantes manifestarem o desejo que seu nome esteja mencionado na pesquisa, deverão assinar autorização de uso de nome e imagem.

BENEFÍCIOS

Dentre os benefícios trazidos pela pesquisa podem-se citar o registro dos conhecimentos transgeracionais (vertical e/ou horizontal) sobre plantas e a contribuição à preservação e valorização destes conhecimentos adquiridos pelos moradores da área rural do Morro Albino, bem como a contribuição histórica e cultural para a ciência.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(à) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o (a) pesquisador (a) VANILDE CITADINI ZANETTE pelo telefone(48) 9 99785211e/ou pelo e-mail vcz@unesc.net.

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Voluntário (a)/ Participante _____ Assinatura Nome: _____ CPF: _____._____._____ - ____	Pesquisador(a) Responsável  Assinatura Nome: Vanilde Citadini Zanette CPF: 077.437.859 - 04

Criciúma (SC), ____ de _____ de 20__.

Anexo B: Carta de aceite**CARTA DE ACEITE**

Declaro, para os devidos fins que se fizerem necessários, que concordo em disponibilizar dados e informações necessárias sobre as espécies vegetais cultivadas em minha Unidade doméstica localizada no Bairro Morro Albino, localizado no município de Criciúma, Santa Catarina e que meu nome seja citado por inteiro na pesquisa intitulada: **“SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA”** sob a responsabilidade da professora dra. Vanilde Citadini Zanette e pesquisadoras bióloga Elaine Puziski Varela do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Mestrado (PPGCA), acadêmicas Suelane Cardoso Fenali e Amanda Vieira Matiola do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo período de execução previsto no referido projeto e publicação dos resultados.

Entrevistada

CPF:

Criciúma (SC), __, _____ de 2021.

Anexo C: Termo de autorização de uso de imagem e nome**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME**

Eu, _____, nascida no dia ____/____/____ de nacionalidade _____, residente e domiciliado no bairro _____, Cidade de _____, SC, inscrita no CPF sob o nº _____, **AUTORIZO** a pesquisadora Elaine Puziski Varela, CPF 074.521.059-74, e a professora orientadora Dra. Vanilde Citadini Zanette, CPF 077.437.859-04, a fazerem uso de meu nome e de minha imagem, representada por foto/filmagem capturadas durante a realização da pesquisa intitulada SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA, na dissertação da pesquisadora a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), bem como, em quaisquer artigos a serem submetidos para avaliação e publicação em periódicos científicos e/ou em eventos científicos, podendo ainda divulgá-la vinculada ao assunto ou não, em outros meios de comunicação impressos ou digitais de divulgação, de forma totalmente gratuita, declarando ainda que tenho ciência de que não me caberá qualquer forma de contraprestação em decorrência da presente autorização.

Criciúma, _____ de _____ de 2021.

Entrevistada

APÊNDICES

APÊNDICE A- Plantas registradas no quintal da Sra. Libertina Zanzi Mariot, no Bairro Morro Albino, apresentadas em famílias/espécies, onde SD = sem denominação; NP = nome popular; O= origem (N= nativa, E= exótica); E= etnocategoria (A= alimentícia, M= medicinal, O= ornamental); USO= tipo de utilização ou preparo realizado com a planta; PU= parte utilizada e indicação apontada pela agricultora.

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
Acanthaceae						
<i>Pachystachys spicata</i> (Ruiz & Pav.) Wassh.	camarão	N	O	Embelezar		
Adoxaceae						
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	E	M	Chá	Folha, flor	Sarampo
Amaranthaceae						
<i>Amaranthus viridis</i> L.	caruru	E	A	Salada	Folha	
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	E	A	Cozida	Raiz	
<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo	E	O	Embelezar		
<i>Hebanthe eriantha</i> (Poir.) Pedersen	contraveneno	N	M	Curtido na cachaça para se esfregar e tomar	Folha	Para picada de insetos
<i>Spinacia oleracea</i> L.	espinafre	E	A	Salada	Folha	
Amarylidaceae						
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	cebolinha	E	A	Tempero	Folha	
<i>Zephyranthes candida</i> (Lindl.) Herb.	SD	N	O	Embelezar		
Anacardiaceae						
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	E	A	Fruta	Fruto	
<i>Spondias purpurea</i> L.	ciriguela	E	A	Fruta	Fruto	
Annonaceae						
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	E	A/M	Fruta Chá	Fruto Folha	Prevenir o câncer
<i>Annona squamosa</i> L.	fruta-do-conde	E	A	Fruta	Fruto	
Apiaceae						
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	E	M	Chá	Folha	Gripe

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	E	A	Salada, cozida	Raiz	
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho	E	M	Chá	Folha	Gripe
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	salsa	E	A	Tempero	Folha	
<i>Pimpinella anisum</i> L.	anis	E	M	Chá	Folha	Acalmar
Apocynaceae						
<i>Nerium oleander</i> L.	espirradeira	E	O	Embelezar		
<i>Stapelia hirsuta</i> L.	flor-estrela	E	O	Embelezar		
<i>Stephanotis floribunda</i> Brongn.	flor-de-cera	E	O	Embelezar		
Araceae						
<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	copo-de-leite	E	O	Embelezar		
Arecaceae						
<i>Butia catarinensis</i> Noblick & Lorenzi	butiá	N	A	Fruta	Fruto	
Aristolochiaceae						
<i>Aristolochia gigantea</i> Mart. & Zucc.	papo-de-peru	N	O	Embelezar		
Asparagaceae						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	E	M	Passar na pele	Gel	Hidratação, cicatrização
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espada-de-são-jorge	E	O	Embelezar		
Asteraceae						
<i>Achillea millefolium</i> L.	novalgina/pronto-alívio	E	M	Chá	Folha	Febre, gripe
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	marcela	N	M	Chá	Flor	Estômago
<i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	E	M	Chá	Folha	Estômago
<i>Artemisia alba</i> Turra	cânfora	E	M	Curtido na cachaça para se esfregar	Folha	Dor
<i>Callistephus chinensis</i> (L.) Ness	crisante	E	O	Embelezar		
<i>Cichorium intybus</i> L.	radiche azedinha	E	A	Salada	Folha	
<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	dália	E	O	Embelezar		

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface-mimosa	E	A	Salada	Folha	
<i>Lactuca sativa</i> L. var. <i>crispa</i>	alface-crespa	E	A	Salada	Folha	
<i>Matricaria discoidea</i> DC.	marcela-galega	E	M	Chá	Folha	Bom para acalmar parte gastrointestinal da criança
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco-verdadeiro	N	M	Chá	Folha	Gripe
<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H. Rob.	batata-yacon	E	A/M	Cozida	Tubérculo	
				Cozida	Tubérculo	Diabete
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip	artemísia/ rainha-das-ervas	E	M	Chá	Folha, flor	SD
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	palma-crespa	E	M	Curtido na cachaça para se esfregar	Folha	Dor
<i>Vernonanthura tweedieana</i> (Baker) H. Rob.	assa-peixe	N	M	Xarope	Folha	Gripe
Balsaminaceae						
<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	beijinho	E	O	Embelezar		
Begoniaceae						
<i>Begonia cf. semperflorens</i> Link. & Otto	begônia	N	O	Embelezar		
Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i> L.	colorau	N	A	Fruto	Tempero, corante	
Brassicaceae						
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>italica</i>	brócolis	E	A	Cozida	Flor, talo	
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i>	couve	E	A	Salada	Folha	
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>capitata</i>	repolho	E	A	Salada	Folha	
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	mentruz	E	M	Chá	Folha	Gripe, catarro, pulmão, falta de ar.
Bromeliaceae						
<i>Ananas comosus</i> Mill.	abacaxi	N	A	Fruta	Fruto	
<i>Guzmania lingulata</i> (L.) Mez	bromélia	N	O	Embelezar		

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	N	M	Chá	Folha	Diurético, infecção nos rins
Ericaceae						
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	mirtilo	E	A/M	Fruta Chá	Fruto Folha	Problemas cardíacos
Euphorbiaceae						
<i>Acalypha chamaedrifolia</i> (Lam.) Müll. Arg.	rabo-de gato	E	O	Embelezar		
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch.	flor-do-natal	E	O	Embelezar		
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	pau-pelado	E	M	Pingar na água	Látex	Câncer
<i>Jatropha multifida</i> L.	mercúrio	E	M	Uso externo	Látex	Cicatrizar ferida
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	aipim	N	A	Cozido	Raiz	
Fabaceae						
<i>Arachis hypogaea</i> L.	amendoim	E	A	Torrado	Grão	
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth.	ervilha-guandú	E	A	Cozida	Semente	
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart	ingá-macaco	N	A	Fruta	Fruto	
<i>Inga vulpina</i> Mart. ex Benth.	ingá	N	A	Fruta	Fruto	
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	N	O	Embelezar		
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	E	A	Cozido	Semente, vagem	
<i>Spartium junceum</i> L.	giesta	E	O	Embelezar		
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	feijão-de-vara	E	A	Cozido	Grão	
Hydrangeaceae						
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortência	E	O	Embelezar		
Iridaceae						
<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H. Bailey	palma-de-santa-rita	E	O	Embelezar		
Lamiaceae						
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	poejo	N	M	Chá	Folha	Gripe
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	E	M	Chá	Folha	Gripe

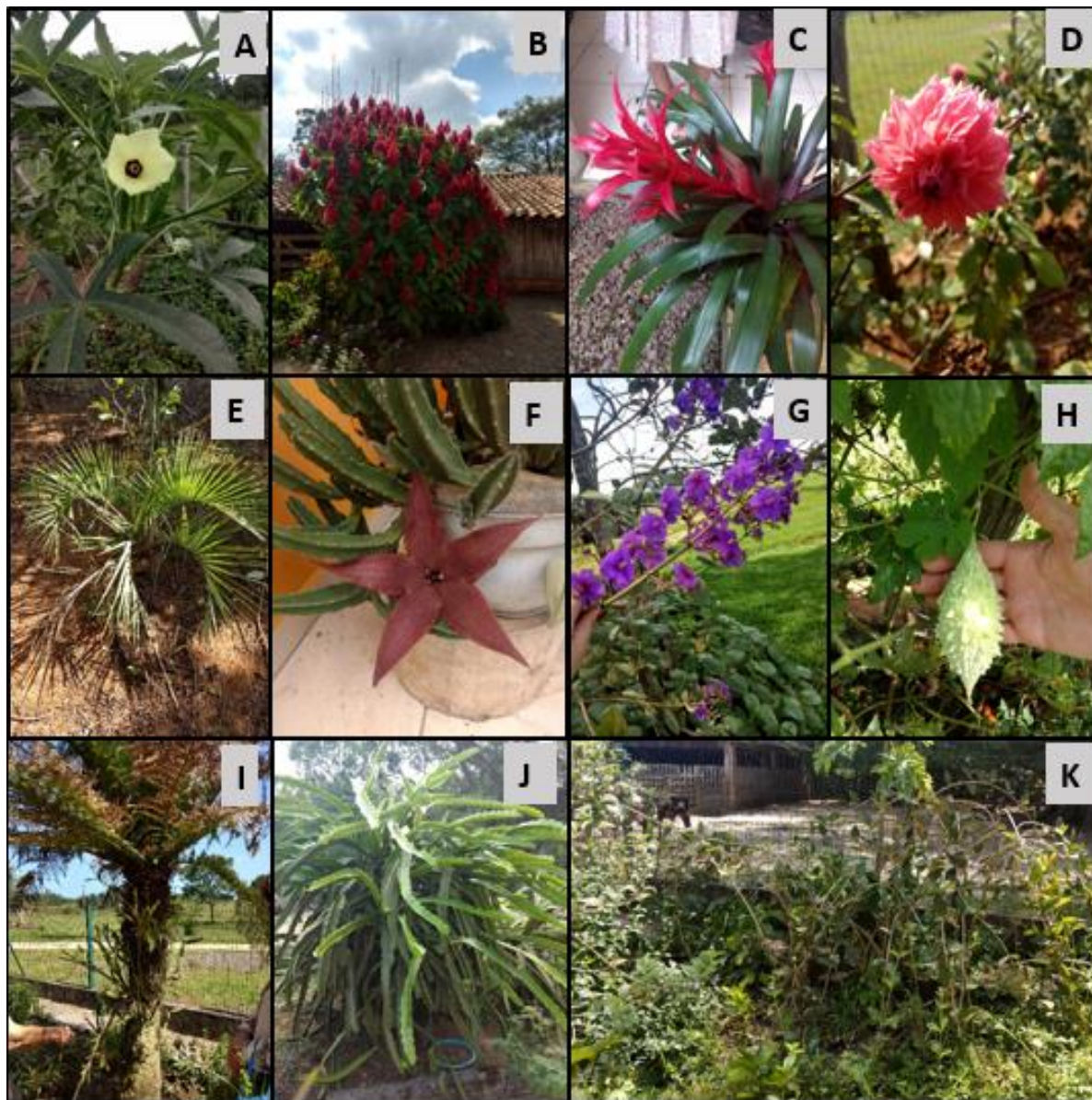
FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Mentha arvensis</i> L.	vick-vaporube/menta-vick	E	M	Pomada	Folha	Dor
<i>Mentha spicata</i> L.	elevante	E	M	Chá	Folha	Aumentar a imunidade, fortificar
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã-verdadeira	E	M	Chá	Folha	Para vermes
<i>Ocimum basilicum</i> L.	alfavaca	E	M	Chá	Folha	Tosse/gripe
<i>Origanum majorana</i> L.	manjerona	E	A	Tempero	Folha	
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	E	A/M	Tempero	Folha	
				Chá	Folha	Prisão de ventre em criança
<i>Physostegia virginiana</i> (L.) Benth.	SD	E	O	Embelezar		
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	boldo	E	M	Esmagar na água	Folha	Estômago
				Chá	Flor	Diabete
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	alegria-de-jardim	N	M/O	Embelezar		
				Picada na comida	Folha	
<i>Stachys byzantina</i> K. Koch	pulmonária	E	A/M	Chá	Folha	Problemas pulmonares
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	mirra	E	M	Chá	Folha	Sintomas da menopausa
Lythraceae						
<i>Punica granatum</i> L.	romã	E	A	Fruta	Fruto	
Malpighiaceae						
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	acerola	E	A	Fruta	Fruto	
Malvaceae						
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	quiabo	E	A	Cozido	Fruto	
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva	E	M	Chá	Folha	Dor na garganta
Melastomataceae						
<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	cataflan	N	M	Chá	Folha	Antibiótico

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Plantago major</i> L.	tansagem	E	M	Chá	Folha	Infecção e dores na bexiga, antibiótico
Poaceae						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	cana-cidreira	E	M	Chá	Folha	Calmante
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	citronela	E	M	Curtida no álcool, fabricação de sabão	Folha	Repelente, aromatizador
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	E	A	<i>in natura</i> e para fabricação de açúcar	Caule	
<i>Zea mays</i> L.	milho	E	A	Cozido, farinha	Espiga, grão	
Portulacaceae						
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	onze-hora	N	O	Embelezar		
Rosaceae						
<i>Fragaria X ananassa</i> (Weston) Duchesne	morango	E	A	Fruta	Fruto	
<i>Prunus domestica</i> L.	ameixa-roxa	E	A	Fruta	Fruto	
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	E	M/O	Chá	Flor	Lavar os olhos, prisão de ventre
				Embelezar		
<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	rosa	E	O	Embelezar		
<i>Rubus fruticosus</i> L.	amora-preta	E	A	Fruta	Fruto	
Rutaceae						
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	laranja-lima	E	A	Fruta	Fruto	
<i>Citrus medica</i> L.	laranja-cidra	E	A	Fruta, suco, chimia	Casca, fruto	
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-umbigo	E	A	Fruta	Fruto	
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	E	M	Chá	Folha	Cólica
Sapindaceae						
<i>Lichia chinensis</i> Sonn.	lichia	E	A	Fruta	Fruto	

FAMLIAS/ESPÉCIES	NP	O	E	USO	PU	INDICAÇÃO
Solanaceae						
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimentão	E	A	Tempero	Fruto	
<i>Cestrum nocturnum</i> L.	dama-da-noite	E	O	Embelezar e deixar a casa cheirosa		
<i>Physallis pubescens</i> L.	fisális	N	A	Fruta	Fruto	
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-pretinha	N	A	Fruta, alimentar pássaros	Fruto	
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	E	A	Salada	Fruto	
<i>Solanum lycopersicum</i> var. <i>cerasiforme</i> (Dunal) D.M. Spooner, G.J. Anderson & R.K. Jansen	tomate-cereja	E	A	Salada	Fruto	
Verbenaceae						
<i>Aloysia citrodora</i> Palau	cidrão	E	M	Chá	Folha	Gripe
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	sálvia	N	M	Fervido no leite	Folha	Tosse
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	N	M	Chá	Folha	Estômago
Violaceae						
<i>Viola odorata</i> L.	violeta-roxa	E	M/O	Chá Embelezar	Folha	Antibiótico
Vitaceae						
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	E	A	Fruta	Fruto	
Zingiberaceae						
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão-da-terra	E	A	Tempero	Rizoma	
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	E	A/M	Tempero Chá, colocar na água	Rizoma Rizoma	Bronquite, diurético

Fonte: Autora (2021).

APÊNDICE B- Fotos de algumas espécies cultivadas por Dona Libertina, registradas durante o método de Turnê Guiada.



A: *Abelmoschus esculentus* (quiabo); **B:** *Pachystachys spicata* (camarão); **C:** *Guzmania lingulata* (bromélia); **D:** *Dahlia pinnata* (dália); **E:** *Butia catarinensis* (butiá); **F:** *Stapelia hirsuta* (flor-estrela); **G:** *Pleroma heteromallum* (cataflan); **H:** *Momordica charantia* (melão-de-são-caetano); **I:** *Dicksonia sellowiana* (xaxim); **J:** *Hylocereus undatus* (pitaya); **K:** *Lippia alba* (sálvia-do-rio-grande). Fonte: Autora (2019).

APÊNDICE C- Coleta de material para identificação botânica no quintal de Dona Libertina em dezembro de 2019.



Fonte: Autora (2019).

APÊNDICE D- Equipe que participou da primeira entrevista com Dona Libertina em dezembro de 2019 (da esquerda para direita: Vanilde, Aline, Dona Libertina, Elaine e Suelane).



Fonte: Autora (2019).

APÊNDICE E- Formulário utilizado na entrevista com agricultora tradicional selecionada para o levantamento de plantas cultivadas em sua unidade doméstica no bairro Morro Albino, município de Criciúma, Santa Catarina.

Formulário utilizado na entrevista sobre as plantas

**SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL COMO RESULTADO
E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA**

Entrevistador (a): _____

Entrevistado (a): _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Data: ____/____/____

Módulo 1**1. DADOS GERAIS DA ENTREVISTADA**

1.1 Data de Nascimento:

1.2 Cidade e Estado onde nasceu:

1.3 Descendência:

1.4 Religião:

1.5 Tempo de residência:

1.6 Grau de escolaridade:

() 1ª a 4ª série

() 5ª a 8ª série

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Curso superior incompleto

() Curso superior

() Especialização incompleta

() Especialização completa

1.7 Profissão:

1.8 Estado Civil:

() solteiro (a)

() relação estável

() divorciado (a)

() casado (a)

() viúvo (a)

1.9 Número de filhos:

() 0

() 3

() + de 5

() 1

() 4

() 2

() 5

Módulo 2 _____**2. SOBRE AS PLANTAS E SEUS USOS****2.1 NOME POPULAR DA PLANTA:**

2.1.1 Porque recebe esse nome?

2.2 USO:

() Alimentação () Medicinal () Ornamentação () Outros usos _____

2.2.1 Há quanto tempo utiliza a planta?

2.2.2 Parte usada:

- () sementes
- () caule
- () folhas
- () brotos
- () flores/inflorescência
- () frutos
- () casca
- () raízes/rizomas
- () lenho
- () látex
- () planta inteira
- () outros:

2.2.3 Como usa essa planta?

2.2.4 Como adquiriu o conhecimento que você tem sobre essa planta?

- () Vizinhos/amigos/familiares
- () Pais () avós () ou pessoas idosas (conhecimento transmitido através de gerações)

2.2.4.1 Se adquiriu de seus ancestrais, você sabe há quanto tempo eles já a utilizavam?

- () há mais de 10 anos () Outro (escrever os anos) _____
- () há mais de 20 anos
- () há mais de 30 anos

2.2.5 Passa seu conhecimento sobre o uso dessa planta para outra pessoa? ()sim ()não
Para quem? Como?

2.3 TOXICIDADE DAS PLANTAS

2.3.1 Essa planta é tóxica/causa algum mal? ()Sim ()Não
Em caso de sim, qual parte é tóxica? Qual a ação tóxica?

2.4 FORMA DE OBTENÇÃO

2.4.1 De que forma você obteve essa planta?

- () Espontânea (nasceu de forma espontânea no quintal/horta)
- () Coletada (obtida na vegetação local)

- () Adquiriu com algum vizinho/ amigo/ familiar
() Comprada: () feira () comércio local () fora do bairro/cidade
() Outra forma de obtenção _____

2.5 PLANTA MEDICINAL

2.5.1 Usa essa planta para tratar doença(s)? () Sim () Não

2.5.2 Acredita no seu poder de cura? () Sim () Não

2.5.3 Indicações terapêuticas: _____

2.5.4 Modo de preparo:

- () infuso
() decocto(fervura)
() macerado
() tintura
() álcoolatura/espírito
() xarope
() vinho medicinal
() suco
() sumo
() cataplasma
() óleo medicinal
() pomada
() gel
() creme/loção
() sabão/ sabonete
() xampu
() outros: _____

2.5.5 Planta (farmacógeno) utilizada no estado:

- () fresco
() parcialmente seco
() seco

2.5.6 Contraindicações: _____

2.6 PLANTA ORNAMENTAL

2.6.1 Usa essa planta para: () Embelezar () Fazer sombra () Atrair fauna () Outros

2.6.2 Essa planta possui flores? () Sim () Não

Se sim, como são: () Grandes () Pequenas

Qual a cor?

Tem perfume () Sim () Não

2.6.3 Essa planta possui algum significado especial? () Sim () Não

Se sim, qual o significado dela?

Você acredita no seu significado? () Sim () Não
Quem lhe passou esse conhecimento?
Como foi passado a você?

2.7 PLANTA ALIMENTÍCIA

2.7.1 Como você prepara essa planta para consumo?

2.7.2 Quais partes são utilizadas para alimentação?

2.7.3 Com quem você aprendeu a utilizar essa planta na alimentação?

2.7.4 Você consome essa planta desde quando?

2.7.5 Você sabe de algum benefício do consumo desta planta para saúde? () Sim () Não
Se sim, qual?

2.7.6 Existe alguma contraindicação ao consumo dessa planta na alimentação? Alguém que não possa/deva comê-la?

Módulo 3**3. UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E RELAÇÃO COM AS PLANTAS/QUINTAL**

- 3.1 Como foi a sua infância? Lembra-se de ter contato com plantas?
- 3.2 Você lembra de alguma planta que era muito utilizada quando criança? Para quê? Você ainda faz uso dela?
- 3.3 Quando você começou a se interessar pelo cultivo de plantas? O que lhe chamou atenção?
- 3.4 Com quem você aprendeu a cultivar um quintal? Alguém lhe ensinou/incentivou?
- 3.5 Lembra de alguma história relacionada às plantas que marcou sua vida?
- 3.6 Por que você cultiva plantas em seu quintal e há quanto tempo?
- 3.7 O que é mais importante cultivar em seu quintal?
- 3.8 Como organizou seu quintal na hora do plantio? Como pensou seu quintal?
- 3.9 Você considera importante ter um quintal em casa? Por quê?
- 3.10 Quais as práticas de manejo você utiliza no seu quintal?
- 3.11 O seu conhecimento a respeito das plantas que cultiva está ou será passado para alguém? De que forma?
- 3.12 Alguém lhe procura para perguntar sobre plantas e seus usos? Normalmente o que querem saber?